

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ
CURSO DE PEDAGOGIA

ANDRESSA VALÉRIA SANTOS

**A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE(S) NEGRA(S) COM CRIANÇAS DO 5º ANO
EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE IMPERATRIZ - MARANHÃO**

Imperatriz
2024

ANDRESSA VALÉRIA SANTOS

**A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE(S) NEGRA(S) COM CRIANÇAS DO 5º ANO
EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE IMPERATRIZ - MARANHÃO**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA/CCIM, como requisito para obtenção do Grau em Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Profª. Dra. Herli de Sousa Carvalho.

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Santos, Andressa Valéria.

A Construção de Identidades Negras Com Crianças do 5º
Ano Em Uma Escola Municipal de Imperatriz Maranhão /
Andressa Valéria Santos. - 2024.

75 f.

Orientador(a): Herli de Sousa Carvalho.

Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2024.

1. Construção de Identidade. 2. Crianças Negras. 3.
Escola Fundamental. 4. . 5. . I. Carvalho, Herli de
Sousa. II. Título.

ANDRESSA VALÉRIA SANTOS

**A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE(S) NEGRA(S) COM CRIANÇAS DO 5º ANO
EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE IMPERATRIZ - MARANHÃO**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA/CCIM, como requisito para obtenção do Grau em Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Herli de Sousa Carvalho.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Herli de Sousa Carvalho – Orientadora
Universidade Federal do Maranhão

Prof^a. Dra. Francisca Melo Agapito – Examinadora
Universidade Federal do Maranhão

Prof^a. Dra. Késsia Mileny de Paulo Moura – Examinadora
Universidade Federal do Maranhão

À minha mãe, cujo amor me abrigou, defendeu
e encorajou. Por sua causa, mesmo com medo,
eu não evito seguir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço minha mãe, Marilene dos Santos, que caminhou comigo independente da distância que nos separava. Sem seu cuidado, suporte, exemplo, aceitação e sacrifícios, eu não teria ido tão longe.

À minha irmã, Jéssica Cristine dos Santos, que também é minha melhor amiga. Agradeço por me inspirar com sua juventude sábia.

À minha tia, Anna Paula Santos Sousa Paiva que me acolheu, amou e ensinou. Por todos os abraços em que dizemos muito, sem nada falar.

Às minhas amigas e aos meus amigos de classe, com quem iniciei a jornada acadêmica. Agradeço a companhia, os risos, os choros e os ensinamentos. Em especial, agradeço muito à minha amiga Camila Miranda Belfort por termos nos encontrado, afinal, somos um combo.

À minha orientadora, Herli de Sousa Carvalho, educadora que me orientou academicamente e no caminho da cura. Sua serenidade, sinceridade e conhecimento sempre me acalmam em segundos, obrigada por compartilhar tanto.

À minha eterna professora de Filosofia e Sociologia, Eslane Costa Silva, que aos meus 16 anos, inspirou tanto com suas aulas e com sua empatia que, aos 24, continuo encantada e desconfio que assim permanecerei eternamente.

À família que me recebeu, zela e cuida, Clydio dos Santos Paiva e Clara dos Santos Paiva. O pai e a irmã que eu não sabia que precisava.

À minha grande família, presente em São Luís – Maranhão, por toda generosidade, assistência e apreço.

À Universidade Federal do Maranhão - Centro de Ciências de Imperatriz, Unidade Prof.º José Batista de Oliveira, local em que me senti à vontade desde o primeiro dia, nunca esquecerei aquela sensação. Agradeço à comunidade acadêmica, em especial ao corpo docente, por me acolherem e impulsionarem.

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar como ocorre a construção de identidade negra com crianças do 5º ano em uma Escola Municipal de Imperatriz – Maranhão, com a intenção de compreender o transcorrer desse processo em um contexto racista e segregador para refletir sobre a necessidade de oportunizar uma construção identitária mais positiva para crianças negras. Para conseguir alcançar esse objetivo, o trabalho é dividido em três perguntas: Como construí minha identidade negra no processo de formação? Como ocorre a construção da identidade negra? Qual a função da escola na construção da identidade negra? Com elas, o estudo discorre sobre a aproximação da autora com o tema, identidade, descoberta da negritude e a função escolar na construção de identidade de crianças. Para tanto, foi realizada a pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo, de tipologia descritiva e abordagem qualitativa. Assim, o trabalho foi fundamentado a partir de leituras sobre o tema, como Munanga (1996; 2004), Gomes (2003; 2005), Hall (2006; 2014; 2016), Silva (2014), Woodward (2014), Dess (2022), entre outros autores utilizados para compreender a temática e analisar os dados da pesquisa de campo. Nesse sentido, o referido estudo assimilou que a identidade negra é construída em uma realidade excludente. Crianças crescem, marcadas negativamente pela diferença, não conseguindo se identificar, o que torna o processo longo e complexo. As crianças da declarada pesquisa demonstraram consciência em relação ao racismo, embora expressando conflito na ação de se autoafirmarem. A função da escola nesse contexto é reconhecer e mediar o conhecimento histórico sobre os povos negros e a cultura afro-brasileira de forma profunda, para celebrar sua relevância e oportunizar espaço seguro de identificação e construção identitária.

Palavras-chave: Construção de identidade. Crianças negras. Escola Fundamental.

ABSTRACT

The present work aims to analyze how the construction of black identity occurs with 5th grade children in a Municipal School of Imperatriz – Maranhão, with the intention of understanding the course of this process in a racist and segregating context to reflect on the need to provide opportunities for a more positive identity construction for black children. To achieve this goal, the work is divided into three questions: How did I build my black identity in the training process? How does the construction of black identity occur? What is the role of the school in the construction of black identity? With them, the study discusses the author's approach to the theme, identity, discovery of blackness and the school function in the construction of children's identity. To this end, a bibliographic research and a field research were carried out, with a descriptive typology and qualitative approach. Thus, the work was based on readings on the subject, such as Munanga (1996; 2004), Gomes (2003; 2005), Hall (2006; 2014; 2016), Silva (2014), Woodward (2014), Dess (2022), among other authors used to understand the theme and analyze the data from the field research. In this sense, the aforementioned study assimilated that black identity is constructed in an exclusionary reality. Children grow up, negatively marked by difference, not being able to identify themselves, which makes the process long and complex. The children in the declared research demonstrated awareness of racism, although expressing conflict in the action of asserting themselves. The function of the school in this context is to recognize and mediate historical knowledge about black peoples and Afro-Brazilian culture in a profound way, to celebrate their relevance and provide a safe space for identification and identity construction.

Keywords: Identity construction. Black children. Elementary school.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Minha mãe e eu, 2002.....	18
FIGURA 2 – Minha irmã e eu, 2007.....	18
FIGURA 3 – Fanart de Dragon Ball Z, 2012.....	20
FIGURA 4 – Desenhos, 2013.....	20
FIGURA 5 – Desenhos, 2022.....	21
FIGURA 6 – Desenhos, 2023.....	21
FIGURA 7 – Princesas da Disney.....	52
FIGURA 8 – Coleção de lápis Caras e Cores.....	53
FIGURA 9 – Família do filme Encanto.....	53
FIGURA 10 – Mulher em traje típico de baiana.....	54
FIGURA 11 – Val-Zod, Superman negro.....	56
FIGURA 12 – Núbia, Mulher-Maravilha negra.....	56
FIGURA 13 – Desenho do filme.....	65
FIGURA 14 – Desenho do Luiz.....	65

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CCIM	Centro de Ciências de Imperatriz
CCSST	Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFMA	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão
MA	Maranhão
MEC	Ministério da Educação
OMS	Organização Mundial da Saúde
PMALFA	Programa Mais Alfabetização
SISU	Sistema de Seleção Unificada
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TDAH	Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade
UFMA	Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 – CONSTRUINDO MINHA IDENTIDADE NEGRA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO.....	13
1.1 Fundamentando a memória e a escrita de si mesma.....	14
1.2 Origens e identidades.....	16
1.3 Trajetórias na base da educação.....	22
1.4 Caminhos entre a teoria e a prática com as conclusões de uma identidade em movimento.....	29
2 – A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA.....	35
2.1 A formação de identidade.....	35
2.2 Identidade negra e o processo de descoberta da negritude.....	37
3 – A FUNÇÃO DA ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA.....	42
4 – PERCEPÇÕES IDENTITÁRIAS EM CRIANÇAS DO 5º ANO.....	46
4.1 Pesquisa <i>com</i> crianças.....	46
4.2 O contexto do percurso metodológico	48
4.3 Procedimentos, dados e análise.....	52
CONSIDERAÇÕES.....	68
REFERÊNCIAS.....	70
APÊNDICE A.....	73

INTRODUÇÃO

Nossos ancestrais pertencentes aos povos negros não vieram ao Brasil, foram sequestrados, violados e escravizados sob a justificativa da supremacia. Nesse contexto as pessoas negras, afrodescendentes, miscigenados e qualquer um que possua em si a marcação da negritude enfrenta um país racista e preconceituoso como lar e local de desenvolvimento identitário.

Nesse sentido, percebemos que a identidade é um tema recorrente no mundo, ligado às identificações, opiniões, posicionamentos e autoestima dos indivíduos. Construí-la é um processo intrínseco a todo ser humano, contínuo no desenrolar de todas as suas interações sociais e no contato com a cultura. Mas questionamos como esse processo funciona para as pessoas negras, para quem as interações e cultura nacionais funcionam de forma segregadora.

Dessa forma, a problemática que deu origem à elaboração desse trabalho se apresenta na percepção de que para pessoas negras no Brasil, construir a identidade é um desafio complexo, longo e muitas vezes, doloroso. Notamos, pela experiência própria e pela observação da sociedade, a dificuldade de perceber-se, aceitar-se e emponderar-se enquanto pessoa negra.

As perguntas que regem a presente pesquisa são: Como construí minha identidade negra no processo de formação? Como ocorre a construção da identidade negra? Qual a função da escola na construção da identidade negra?

Para tanto, enquanto fundamentação teórica reunimos autores/as, como: Munanga (1996; 2004), Gomes (2003; 2005), Hall (2006; 2014; 2016), Silva (2014), Woodward (2014), Dess (2022), dentre outros que acrescentaram na constituição desse trabalho nos exercícios de reflexão, análise e considerações acerca da formação identitária negra.

As Metodologias selecionadas e utilizadas na elaboração desse trabalho foram a autobiografia, e a pesquisa de campo, de tipologia descritiva, com abordagem qualitativa. Para gerar os dados, utilizamos a observação, a entrevista, produção de documentos escritos e a gravação do áudio dos diálogos abertos para documentar.

É necessário entender o processo de construção identitária de pessoas, em foco, crianças que fazem parte de uma minoria social, que é obrigada a viver nas margens pois não atende aos padrões impostos do que dizem ser belo. Em um país constituído a partir da diversidade étnica, racial e cultural, mas sob a ótica da

segregação e preconceito, é pertinente entender como se dá a construção identitária de quem pertence a esfera da negritude. Entender para oportunizar.

Nessa perspectiva, esta pesquisa possui como título “A construção da identidade negra com crianças do 5º ano em uma Escola Municipal de Imperatriz - Maranhão”. De modo que a justificativa para a presente pesquisa está na necessidade de compreender como se dão as relações e processos que levam à construção identitária negra, e quais os efeitos pessoais e coletivos na formação dos sujeitos para perceber a relevância de oportunizar essa formação de forma positiva para crianças.

Os objetivos que trazemos são: Averiguar como construí minha identidade negra no processo de formação; Compreender como ocorre o processo de formação da identidade negra; Identificar a função da escola na construção da identidade negra; e Analisar como ocorre a construção da identidade negra com crianças do 5º ano em uma Escola Municipal de Imperatriz – Maranhão;

Para tanto, traçamos o desenvolvimento de nosso estudo organizado em capítulos. De modo que no Capítulo 1, intitulado “Construindo minha identidade negra no processo de formação”, nos debruçamos em nossa narrativa autobiográfica no intuito de compreender as trajetórias e identidades formadas para chegar até aqui.

O Capítulo 2, “A construção da identidade negra” é focado na investigação desse fenômeno, para compreendê-lo desde o conceito de identidade até as delimitações da negritude no contexto brasileiro e os processos que viabilizam o seu desenvolvimento.

O Capítulo 3, “A função da escola na construção da identidade negra” direcionado para a análise de como a escola, enquanto instituição social, deve agir diante desse fenômeno no atual momento do mundo, em que as inúmeras lutas do movimento negro se expressam em espaços representativos, mas a intolerância não deixa de ser uma realidade.

O Capítulo 4, “Percepções identitárias em crianças do 5º ano” é voltado para a pesquisa de campo realizada em que apresentamos o contexto, métodos, dados, análise e discussão da pesquisa a partir de referenciais teóricos condizentes com o tema.

Para finalizar, pontuamos as aprendizagens adquiridas no decorrer do estudo em nossas considerações revelando os resultados obtidos após o percurso teórico e metodológico.

1 – CONSTRUINDO MINHA IDENTIDADE NEGRA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO

Inauguro este capítulo com a pergunta "Como construí minha identidade negra no processo de formação?", de modo que contemplarei parte da minha história de vida através da escrita autobiográfica. Priorizo algumas vivências para entender como minha identidade foi e é formada, focando o contexto formativo para distinguir quais foram os pontos de ruptura que me modificaram para me perceber como uma mulher negra.

Desenhos costumam iniciar com uma ideia, então viram um esboço, uma promessa, algo que queremos formar, mas que pode se modificar, pois ideias mudam e esboços modificam suas linhas, assim como as pessoas. Nesse sentido, aqui revelo as várias linhas que me formaram e me modificaram ao longo de minha história, como um esboço, que às vezes possui uma rota clara de formação e então modifica-se porque a linha precisa mudar de direção.

Para tanto, narro as identidades que formei até aqui, através da prática autobiográfica, vivenciando conflitos, dúvidas, curiosidades que foram esclarecidas com o passar do tempo e dos processos de formação que experienciei. Sobre esse processo, Ostetto e Kolb-Bernardes (2015, p. 164) elucidam:

O ato de narrar o vivido carrega a essencialidade do poder de as pessoas se reconhecerem como sujeitos de suas próprias histórias, atribuindo sentido aos diferentes itinerários percorridos. Ao comporem narrativas sobre a vida vivida, colocam-se em posição de escuta, olham para múltiplas direções, dentro e fora de si, reportando-se ao que foram, ao que são, ao que desejam ser; ao que fizeram, ao que fazem, ao que projetam fazer. Caminhos a percorrer podem ser evidenciados no processo. Pelo trabalho da reflexão, no tramado de relações percebidas, a construção de significados em torno de novas rotas que se anunciam é potencializada.

As autoras falam sobre um indivíduo conseguir se escutar ao escrever-se. Desse modo, compreendi que a narrativa autobiográfica é uma investigação sobre os trajetos pessoais em busca de assimilar todos os “eus” que passaram e aqui ainda residem em contato com o “eu” atual.

Nesse sentido, trazemos Passeggi (2021, p. 2), para quem os trabalhos em educação que discorrem sobre narrativas pessoais possuem dois pressupostos principais, sendo o primeiro, o ato de narrar e refletir sobre as vivências, dando sentido ao que ocorreu e ao que está acontecendo, e o que poderia ter acontecido, refletindo

sobre o que pode ou não ser alterado. O segundo pressuposto é que através desse exercício, quem narra reconstitui outra versão de si. Compreendo que essa prática tem em sua essência um poder transformador ao me permitir dar sentido a minha história e alcançar um grau elevado de autoconhecimento.

Peço licença para falar em primeira pessoa durante este capítulo, em que compartilho minha história e dessa forma, minha formação de consciência e as percepções que desenvolvi enquanto construía e continuo construindo esse eu.

Através desse ato, de escrita, evoquei lembranças e revivi momentos que me formaram. Escutar-me ao reconstituir tantos momentos, selecionados pela minha memória pensando em averiguar como minha identidade foi construída, proporcionou que eu compreendesse as transições até o agora, e reconhecesse seus estímulos. Nessa perspectiva, objetivo esclarecer quais momentos dos meus percursos de formação pessoal, estudantil e profissional possibilitaram minha construção identitária como uma mulher negra.

1.1 Fundamentando a memória e a escrita de si mesma

A construção de algo ou de alguém perpassa questões biológicas e físicas, quando imaginamos quem podemos nos tornar, podemos ter uma idealização ou apenas seguir nossas intuições, independente de como for é um processo. Para contemplar minhas identidades, histórias, trajetos e reflexões é necessário compreender primeiro, a própria realização em si. Narrar-se através da autobiografia.

Esse tipo de investigação funciona como uma imersão na trajetória de vida de alguém através de um recorte que direcione a pesquisa para momentos que auxiliem nas reflexões sobre objeto de estudo. Desse modo, a Pesquisa Autobiográfica depende da memória como elemento mestre para desenvolvê-la. Conforme Abrahão (2003, p. 80):

A pesquisa autobiográfica - Histórias de Vida, Biografias, Autobiografias, Memoriais - não obstante se utilize de diversas fontes, tais como narrativas, história oral, fotos, vídeos, filmes, diários, documentos em geral, reconhece-se dependente da memória. Esta, é o componente essencial na característica do (a) narrador (a) com que o pesquisador trabalha para poder (re)construir elementos de análise que possam auxiliá-lo na compreensão de determinado objeto de estudo.

Ao exemplificar as diferentes fontes que servem para elaborar esse modo de investigação, a autora expõe a capacidade ampla de referências que possuem a função de ajudar a narradora ou narrador de reconstruir suas lembranças. Por isso, a memória é pontuada como essencial, já que na sua ausência não há reconstrução.

Nesse contexto, que ao precisar regressar anos em sua trajetória, quem narra experimenta um processo reflexivo. Nesse contexto, Abrahão (2003, p. 80) afirma:

Ao trabalhar com metodologia e fontes dessa natureza o pesquisador conscientemente adota uma tradição em pesquisa que reconhece ser a realidade social multifacetária, socialmente construída por seres humanos que vivenciam a experiência de modo holístico e integrado, em que as pessoas estão em constante processo de auto-conhecimento.

Esse processo de reflexividade decorre do contato constante que o narrador(a) terá com suas próprias vivências, com os vários cenários que entrou em contato, com a pessoa que foi em cada um deles, levando-o(a) a um nível distinto de autoconhecimento. Sendo assim, “relativo a holismo; que busca um entendimento integral dos fenômenos” (Holística, 2024), por buscar com a Pesquisa Autobiográfica, uma compreensão completa de si mesma(o) através da memória.

Ao compreendermos esse regresso histórico reflexivo como um contato com as construções identitárias anteriores, e com as vivências que levaram a elas, podemos afirmar que esse regresso pode ser chamado de resgate, um resgate de si mesmo(a). Nesse raciocínio, Saveli (2006, p. 95) nos explica que:

Nesta concepção de vida está implícita uma visão de homem que vai se constituindo sempre, em um processo do vir-a-ser contínuo, que não se satisfaz com a contemplação quieta e inerte entre “o dia da nascença e o da morte”, mas alguém que luta pela transformação real das condições de sua existência na relação com os outros homens, outras mulheres, e nesse movimento, que envolve necessariamente relações, ações, interações sociais, é que ele, o Ser Humano, Homem, vai tecendo a si-mesmo.

O homem representando o ser humano, segundo a autora, se forma continuamente. É capaz de se transformar a cada interação com outros indivíduos e sua existência é uma resposta contínua aos contatos que tem com pessoas, ações e acontecimentos. Assim, as pessoas se tecem (formam) e vem-a-ser, pois o amanhã traz novas mudanças e permanências. Muitas delas serão recuperadas ao longo do processo narrativo autobiográfico, gerando a autocompreensão e ajudando a entender que em nenhum momento seremos estáticos, sempre sujeitos a transformações.

Nesse ponto, pontuamos que a memória é seletiva, mas não apenas pela necessidade de seleção desse tipo de narrativa. Corroboramos com Saveli (2006, p. 96) ao considerar que o narrador(a) interpreta o que viveu já sendo alguém diferente de quem foi, ou seja, falando do passado com uma mente do presente, regado de ideologia e valores. Assim, o resgate histórico não é apenas reviver, mas reconstruir. Esse é um dos fatores mais fortes das reflexões que nascem através desse tipo de narrativa.

Segundo Eggert e Silva (2011, p. 58) “A autobiografia como proposta metodológica de pesquisa traz relevância para o campo da educação no eixo da formação tanto formal quanto não formal, para a análise dos saltos de aprendizagem” Nesse sentido, essa metodologia se prova ao possibilitar reconstruir, repetir, rever, redescobrir, modificar, negar e somar. Dessa forma, a autora consegue perceber ao longo da escrita, as transições experimentadas ao longo de sua formação.

Concluimos que utilizar a narrativa Autobiográfica significa realizar uma reflexão existencial ao apresentar um conteúdo nativo da própria memória, reconstruindo fatos do passado e enxergando-os com olhos do presente. Nesse sentido, experimentar olhar para si mesmo(a), para suas vivências e compreendendo-as melhor, poder enxergar suas dores, dificuldades, erros, acertos, relações, inícios e encerramentos, além de suas mudanças, as rupturas que passou e as situações que levaram a elas. Realizar uma autobiografia é sobre se narrar e se conscientizar, entendendo que a formação de si é contínua. Uma prática em que quem escreve é autor(a), narrador(a) e objeto, com a possibilidade de alcançar um grau elevado de autoconsciência.

1.2 Origens e identidades

Nasci no penúltimo ano do século XX, mil novecentos e noventa e nove, no dia treze de setembro, às seis e quinze da manhã, em São Luís, capital do Maranhão. Sou a primeira filha de Marilene dos Santos, fruto de seu relacionamento com um homem chamado Ronilson Júnior. Nunca o conheci. Apesar de inesperada, ela me recebeu com muito amor e cuidado.

Não posso falar muito sobre quem fui e quem me torno sem falar sobre quem é minha mãe e quem eu a vi ser durante toda minha vida. Ela nasceu em Penalva,

interior do Maranhão, em 1976, em uma família de 14 filhos. Seus pais eram agricultores e todos os filhos ajudaram no trabalho em algum momento. Aos 7 anos, viu uma oportunidade de estudar em São Luís morando com seu irmão mais velho e a esposa dele, que lhe ensinou a contar, ler e escrever. Eles a colocaram em uma escola, e por 4 anos, ajudava nas tarefas da casa e a cuidar das sobrinhas pequenas. Porém, seu irmão era controlador, alcoólatra e violento.

Um dia lhe perguntaram se ela teria coragem de cuidar de duas crianças, disse que sim, a mãe dela concordou, “um acordo de boca”, como chamamos. Assim, foi morar com uma família de classe média, de pele clara, para cuidar de duas meninas e da casa enquanto estudava. Lá, passou dezenove anos. A mulher que a buscou se tornou minha avó, a mãe dela, minha bisavó, suas filhas, as crianças da história, minhas tias. Foi essa família com quem cresci e me desenvolvi. A partir desse contexto, posso continuar.

Sugeriram o nome Andressa para minha mãe e como estava em dúvida, o achou bonito e registrou. Valéria é o segundo nome da minha madrinha. Ela e o marido tentaram me adotar, mas minha mãe negou, ajudaram financeiramente em cuidados com minha saúde e se fizeram presentes durante minha infância.

Santos, é o sobrenome da minha avó, Balbina dos Santos e da mãe dela, minha bisavó, Naíza dos Santos. Meu avô se negou a registrar minha mãe. Lhe orientaram a me registrar como filha de um parente, negou, alegando que sou filha de mãe solteira e que isso não era um problema. Meu progenitor concepção foi embora após saber da minha existência, nunca o vi. Me orgulho bastante desse sobrenome, mesmo que digam ser simples e comum, pois vem de uma linhagem de mulheres longevas que passaram por percalços e trabalharam muito para sobreviver e propiciar, da forma que podiam, uma boa vida à sua prole.

Tenho pele negra, olhos escuros e pálpebras pequenas, nariz arrebitado, lábios grossos e cabelos cacheados, possuo traços afrodescendentes em maioria. Minha mãe é negra, sua família materna vem de negros e indígenas, e sua família paterna, de brancos e negros. Pelo que sei, meu pai também é negro e minha mãe conta que puxei mais os traços dele, como o formato do rosto, nariz, cabelos e até a personalidade. Quando criança, tinha muita curiosidade de conhecê-lo, mas essa se dissipou com o tempo.

Figura 1: minha mãe e eu, 2002



Fonte: Arquivo pessoal.

Tenho uma irmã, Jéssica, seis anos mais nova. Possuímos uma ótima relação, permeada por afinidades e acolhimento, mas nosso desenvolvimento foi conturbado, pois não crescemos juntas.

Figura 2: Minha irmã e eu, 2007



Fonte: Arquivo pessoal.

Cresci rodeada de pessoas brancas, ou que se consideram brancas, cujos ideais de beleza eram de acordo com o padrão social. Apesar disso, com muita frequência elogiavam minha dita (por eles), “beleza rara”, enchiam de elogios meus cachos “comportados”, minha pele “morena”, meu nariz “empinado”, e por aí vai. Me chamavam de morena com traços brancos.

Para negar o corpo negro, costumam associar suas características ao negativo e elogiar apenas a branquitude, ou associar traços negroides mais suaves à categoria do exótico. Minha identidade foi construída de forma confusa já que a

negritude era negligenciada pelo contexto. Tudo que era elogiado em mim, eu percebia ser diferente em muitas outras pessoas negras.

Por muito tempo eu encarei como elogios e gostava de ouvi-los, mas em algum momento, um incômodo surgiu e cresceu. Ao mesmo tempo, cresci rodeada de comentários, piadas e ditas opiniões sobre afrodescendentes em geral, cheias de um repúdio que eu não entendia. Ouvia que o gênero musical reggae era horrível, mas nunca diziam por que não gostavam dele. Que o penteado dreadlocks¹ eram cabelo de bandidos. Que cabelos crespos eram palha de aço e muitos cachos eram cabelos bagunçados. Amorin *et al.*, (2021, p. 2) refletem sobre a recusa e anulação do corpo negro, que culmina no desmantelamento das referências e identidades negras:

As redes de solidariedade e de acolhimento familiar estão imersas em um conjunto social marcado pelo racismo, que se manifesta através de relações hostis dirigidas à estética e corporeidade negra. Por exemplo, a depreciação do cabelo cacheado ou “black”.

Nesse sentido, muitas famílias têm o preconceito racial contra negros estruturado em seu cotidiano, levando-as a negar e até reprovar quaisquer características que identifiquem física e culturalmente esse grupo. Assim, costumam expor essa reprovação por meio de injúrias.

Havia ainda as questões de gênero, o que uma menina podia fazer, falar, do que brincar, como se vestir. Nesse sentido, realmente sempre desagradei. Com frequência, preferia coisas do universo masculino, brinquedos, roupas, animações. Davam grande sensação de liberdade, de poder, além disso, desde sempre, nunca vi sentido na dicotomia de gênero.

Sobre esses aspectos, o que me ajudou a não ficar presa aos padrões (mesmo que apenas mentalmente) foi minha mãe. Como demonstrava amor pelo seu corpo, tendo cabelos crespos, como amava e cuidava de sua pele. Mostrava seus ídolos negros na televisão. Contava do seu sonho de um dia ter o cabelo “Black Power”², bem cheio, já que por mais de vinte anos minha mãe manteve o cabelo curto, após ter cortado a força, aos dez anos de idade. Esse trauma fez com que ela por muitos anos

¹ Dreadlocks, são um estilo de penteado em que várias mechas do cabelo são unidas e modeladas em forma de cilindro. Tem origem em culturas africanas, onde tem significados culturais e religiosos, mas seu uso se disseminou pela estética e tornou-se um símbolo da cultura negra em vários países.

² O cabelo black power é um dos principais símbolos deste movimento cultural do mesmo nome, que significa Poder Negro.

me proibisse de cortar o meu cabelo para além das pontas, e nunca permitiu que alisassem.

Todavia, em minha infância houve momentos divertidos e memoráveis. A primeira infância foi a fase mais introvertida, porém essa característica nunca se dissipou. Pouco falava e gostava de brincar sozinha, me negando a interagir com outras crianças. Mesmo quando comecei a brincar com outras crianças, como alguns poucos primos e vizinhos com quem me sentia confortável, brincava apenas no que me sentia segura, pois era seletiva e muito atrapalhada. Por isso, experienciei poucas brincadeiras. Em grupo, o que mais me interessava era correr, como pega-pega, esconde-esconde, polícia e ladrão.

Contudo, no silêncio da minha própria companhia até pulava e dançava, e o que realmente recebia minha dedicação era imaginar e criar, especialmente desenhando. A televisão foi um grande fator para isso, sendo meu maior entretenimento a infância inteira, assistia os desenhos animados dos canais abertos com afinco, gostava de me imaginar em cada um dos mundos. Gostava, principalmente, se envolvessem lutas e aventuras. Atualmente, possuo pastas e pastas cheias de desenhos em diversos níveis de habilidade.

Figura 3: Fanart de Dragon Ball Z, 2012



Fonte: Arquivo pessoal.

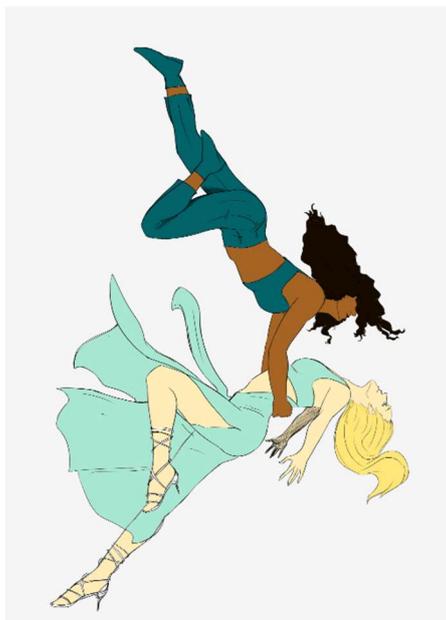
Figura 4: Desenhos, 2013



Fonte: Arquivo pessoal.

Nesse sentido, acima e abaixo, exemplifico esse avanço na habilidade de desenhar. Nos dez anos que separam esses desenhos, de 2012 a 2022 e de 2013 a 2023, nunca parei de praticar ou de me aprofundar nas técnicas quando possível. O desenho foi e é uma das minhas formas mais confortáveis de expressão.

Figura 5: Desenhos, 2022



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 6: Desenhos, 2023



Fonte: Arquivo pessoal.

Ademais, dançava assistindo aos DVDs da coleção Xuxa Só Para Baixinhos e fingia apresentar um show com a banda³ Red Hot Chili Peppers. E, em qualquer oportunidade, estava na água, fosse no banho ou com alguma sorte, em uma piscina para nadar e continuar imaginando mundos, só que cobertos de água. Quando possível, fazia tudo grudada em minha mãe, lhe acompanhando em qualquer que fosse sua ocupação.

Nesse sentido, essas características nunca foram bem aceitas, me classificando como diferente, estranha e ocasionando experiências de rejeição que me marcaram profundamente. Eu incomodava, e, doía perceber esse incômodo.

Vivenciei também experiências como parques, passeios, viagens, livros, presentes, entre outros acessos e oportunidades. A família com quem cresci possuía boa condição financeira e sempre proporcionou para minha irmã e eu, estudo, saúde e lazer, ou seja, uma vida confortável. Tive festas de aniversário temáticas, ganhei

³ Grupo musical de rock dos Estados Unidos formada em Los Angeles, Califórnia, em 1983.

presentes diversos, tinha muitos brinquedos e roupas, e estudei quase sempre em boas escolas.

Recebi cuidados e atenção da minha família que reconheço, me fazem compreender o que é o conflito, quando rememoro minhas vivências e analiso-as para assimilar os meus sentimentos divergentes. Isso ocorre, pois, apesar das dores que descrevo, também recebi amor e carinho, que são recíprocos, mas não me impedem de repensar e ressignificar esses momentos.

Por fim, trago esse contexto pois o considero essencial para compreender em que tipo de cenário eu cresci e me desenvolvi, e assim seguir os relatos que levam a construção de quem fui, de quem sou e de quem me torno, ininterruptamente. Nesse sentido, concordo que “quem narra constrói um estilo e um estudo em torno da sua narrativa, analisando seus processos formativos” (Eggert e Silva, 2011, p. 53). As autoras reforçam que pesquisar a própria historicidade é um tipo de resgate e pesquisa, propiciando a análise de cada experiência narrada e um melhor entendimento de como e porque quem narra é quem é no presente.

Constato então, após o amplo exercício de rememorar inicial, que lembrar dói em muitos aspectos, mas que em perspectiva de estudo e análise promove descobertas e assimilações que são bem-vindas. Houve assim, um resgate de quem fui, na assimilação de pontos da minha história que me modificaram profundamente e que me encaminharam até aqui.

1.3 Trajetórias na base da educação

Quando minha irmã tinha três anos, minha mãe decidiu ir embora, buscar um emprego e independência, eu fui com ela, minha irmã ficou com minha avó, já que essa situação não era estável para uma criança tão jovem, uma decisão dolorosa. Geralmente, nos víamos nos finais de semana, quando mamãe a visitava ou a buscava ao longo dos anos, mas isso não foi algo constante.

Após essa ruptura, eu me mudei de bairro, escola e responsável por anos, até o 9º ano. Assim, eu estudei um ano em cada escola, desde os sete até os quinze anos. Durante essas mudanças, estudei três anos em escolas públicas, sendo que em um deles, quase perdi o ano letivo, pois a escola entrou em greve por um longo período. Depois, do 5º ao 9º, estudei em escolas privadas.

Em 2008, durante o 3º ano, após nos mudarmos, morei com minha mãe na Vila Conceição. Recordo do caminho que eu e várias outras crianças fazíamos para chegar e voltar da escola, Menino Jesus de Praga, no Alto do Calhau. Não tenho muitas lembranças de lá, além da grande biblioteca e da professora que era bastante rigorosa. Nessa época minha mãe começou a trabalhar como diarista e morávamos com a família de um dos seus irmãos. Detestava morar com eles, pois demorei a me adaptar e entendia que nossa presença não era bem-vinda.

Lembro de termos um vizinho que tinha um filho com quem eu brincava na rua todos os dias, muitas vezes ele nos vigiava. Certa vez o homem perguntou se eu sabia quem havia sido o negro mais inteligente que existiu, ao que eu neguei. A resposta foi “Michael Jackson, sabe por quê? Porque ele conseguiu ficar branco” Ele contou com um sorriso, não lembro de ter respondido, apenas sabia que era errado.

Em 2009, me mudei para o bairro São Raimundo, bem distante dos centros em consideração aos que morei antes. Fui matriculada em uma unidade escolar pública com o nome do bairro, perto de casa. Uma grande escola, mas com grande frequência não havia aulas, faltavam livros e cheguei a utilizar alguns usados. No meio do ano, houve uma grande greve que paralisou as aulas por meses, e assim, não retornei.

Nesse meio tempo, minha avó e sua irmã conversaram com minha mãe e as três concordaram que eu e minha irmã deveríamos morar com elas em suas respectivas casas. Minha mãe aceitou em busca de conforto, educação e estabilidade para nós, suas filhas.

Assim, em 2010, mudei para o Conjunto Habitacional Turu e morei com a irmã da minha avó, mãe da minha madrinha, uma pessoa amável e muito carinhosa. Ela me matriculou no Centro Educacional João Paulo II, escola que me deu ótimas lembranças. Foi nesse ano e nessa escola que me aproximei dos livros, pois lá havia uma enorme biblioteca, e, eu sempre fazia empréstimos. Lembro de ler um Almanaque da Mafalda de mais de trezentas páginas e “Os três mosqueteiros”.

Durante essa época, me tornei bastante competitiva em relação às notas, desempenho e participação porque gostava do reconhecimento. Recordo com muito carinho da professora, que me incentivava em todos os sentidos e realizava vários projetos com a turma, como o de escrever um livro que ela narrava nos minutos finais de todas as aulas.

Foi estudando lá, que minha noção sobre o que foi a escravidão se desenvolveu, por um mês inteiro falamos sobre o tema e apresentamos diversos trabalhos que envolveram livros, objetos e arte Afro-Brasileira. Evoco aqui, a Lei 10.639/2003 que “altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira” e estabeleceu o dia 20 de novembro como o Dia da Consciência Negra no calendário escolar. Assim, entendo que esse caráter obrigatório aliado ao comprometimento da professora, impactou minha compreensão da luta negra e do seu ressoar em minha vida, sendo uma jovem de pele escura.

Em 2011, no mesmo bairro, fui matriculada na escola privada Balão Mágico, que também me traz boas memórias. Nessa escola, fiz parte do meu primeiro grupo de amigos e por isso vivi provavelmente algumas das primeiras aventuras da juventude. Lá não tinha biblioteca, mas lemos muitos paradidáticos ao longo do ano que foi marcante de muitas formas, pois além de continuar lendo, tive meu primeiro contato com a disciplina Filosofia e o professor André que era negro, e isso foi de alguma forma surpreendente, pelo fato de que a aula era tranquila e cheia de discussões. Também sentia que ter um professor negro era muito agradável, já que fora eu e outra menina na turma, não havia tantas pessoas negras na escola.

Também fiquei encantada com História, que já gostava antes, mas a didática envolvente do professor a deixou ainda mais cativante. Ele dava as aulas criando mapas mentais no quadro enquanto falava ou questionava, dessa forma adotei essa técnica para estudar todas as disciplinas e mais tarde, adotei como professora, em minhas próprias aulas. Devo dizer que os professores e professoras dessa escola foram marcantes de forma positiva, todos lecionavam como eu nunca havia experienciado.

Em casa, minha personalidade e desejos eram respeitados e eu me sentia profundamente acolhida. Esses dois anos foram os mais tranquilos da minha Educação Básica, considerando condições e problemas familiares. Apesar disso, tive pouco contato com minha mãe, irmã ou outras pessoas com quem cresci até ali, o que me incomodava, mas era um sentimento ignorado.

Por isso, em 2012, fui morar com a minha avó de criação, e vivi com minha irmã após muito tempo. Provavelmente esse ano foi o mais confortável financeiramente,

no entanto, foi muito desconfortável em vários sentidos, um deles é que sofria muito com comparações que me colocavam como inferior em relação a alguém. Minha personalidade e gostos sempre foram criticados. Eu tinha a sensação constante de desagradar, tentava ignorar esses sentimentos, agindo normalmente, guardando-os e enchendo o meu eu de rancor.

Durante esse ano, estudei na Escola Bom Pastor, que era privada, cara, rígida e conceituada, mas consegui manter minhas notas muito boas. História e Filosofia continuaram sendo disciplinas favoritas, e continuei frequentando a biblioteca, mais interessada em quadrinhos. Apesar das dificuldades em casa, do ambiente tenso, a escola ainda era um lugar seguro, onde eu tinha escapes.

Pela diferença de idade e personalidade, eu e minha irmã implicávamos muito uma com a outra, mas também dividimos gostos que nos aproximavam. Algo muito marcante nesse ano, foi quando uma menina, com a idade da minha irmã na época, sete anos, me olhou e disse que não falaria comigo justificando que eu era negra e gorda. Eu já sabia o que era racismo e preconceito, não foi a primeira vez e nem a última em que passei por isso, mas foi a que mais me intrigou. Nunca a culpei, apenas me indaguei sobre que tipo de ambiente aquela menina crescia e que tipo de pessoa ela seria. Ainda me indago. Nilma Lino Gomes (2005, p. 54-55) explica:

O preconceito como atitude não é inato. Ele é aprendido socialmente. Nenhuma criança nasce preconceituosa. Ela aprende a sê-lo. Todos nós cumprimos uma longa trajetória de socialização que se inicia na família, vizinhança, escola, igreja, círculo de amizades e se prolonga até a inserção em instituições enquanto profissionais ou atuando em comunidades e movimentos sociais e políticos. Sendo assim, podemos considerar que os primeiros julgamentos raciais apresentados pelas crianças são frutos do seu contato com o mundo adulto.

Assim, o preconceito racial, como outros preconceitos é passado como uma herança. Não se nasce julgando ou crendo que é superior, somos ensinados, na convivência, na observação de ações e até mesmo em palavras diretas a como tratar o outro e o diferente. Ensinos iniciados na família e que podem ser encontrados em tudo e todos que orbitam a sociedade, às vezes preconceitos reforçados e às vezes, contestados.

Após um ano muito complicado, mesmo em relação aos outros, em 2013 voltei a morar com minha mãe e com meu padrasto, na Vila Conceição. Fui matriculada em uma pequena escola privada chamada Dom Orioni. Foi nesse ano, 8º, que comecei a

ter dificuldade com a área de exatas⁴, que durariam até o fim da Educação Básica. Ainda assim, continuei engajada com os estudos, principalmente porque as pessoas com quem me agrupei no ano eram bastante estudiosas, tornando o estudo um interesse mais natural. Costumávamos ficar conversando com alguns professores após a aula, sobre dúvidas, havia muitos trabalhos em grupo e assim acabei assumindo muitas posições de liderança além de me tornar mais perfeccionista. Apesar de muito tímida, nesse ano, com um grupo maior de amigas, desenvolvi mais sociabilidade, inclusive passeando mais.

Foi em 2013 que tive contato com a literatura fantástica, lendo *As crônicas dos Kane*, de Rick Riordan, que foram muito importantes no sentido de representação na minha vida, pois conta a história de um casal de irmãos, um menino negro e uma menina branca, outros personagens não brancos, mas não de forma que isso fosse o foco da história. Foi mágico e agradável ler esses livros, pois me lembrou muitas situações que passei até ali e me comprovou que essa diversidade⁵ não era um problema.

Em 2014, por causa de problemas e apesar de querer estar próxima da minha mãe, me mudei novamente e fui morar com minha tia e seu marido. Agora estudando em uma escola privada de bairro, ainda em crescimento, Escola Jesus Menino, minha irmã também estudava lá, mas continuamos morando em casas diferentes. Com quatorze anos, durante a maior parte do ano letivo, vivi muitas experiências. Fiz mais amizades, fosse socialmente ou de forma mais profunda, além de descobertas típicas dessa fase de adolescente.

Me deparei com a pressão para estudar e passar no Seletivo Unificado do Instituto Federal do Maranhão (IFMA). Assim, fiz cursinho e desenvolvi mais independência, pois comecei a andar sozinha pela cidade. Considero essa independência tardia, pois minha família sempre foi muito fechada em relação a isso, além de comparar com as situações de várias amigas que possuíam essa independência desde muito novas.

No final do ano, ganhei um certificado de aluna nota 10 da escola. Não passei no seletivo do IFMA na primeira chamada, mas mesmo que tivesse passado eu não

⁴ As ciências exatas são as áreas do conhecimento fundamentadas por raciocínio lógico e princípios exatos. Elas compreendem Matemática, Física e Química.

⁵ Há diversidade fenotípica no livro citado. Ele é composto por indivíduos de fenótipos, origens, hábitos, cultura, e idiomas distintos, algo que eu ainda não havia visto.

teria ficado. Naquele dezembro, eu estava cansada e continuava com a sensação de que parecia não haver um lugar em que me encaixasse, pertencesse.

Por inúmeros motivos, foi desconfortável morar na maioria dos locais em que estive durante esses anos. Era e é um pensamento recorrente sobre se essas mudanças eram de alguma forma culpa minha. A Minha outra tia, que morava em Imperatriz – Maranhão com o marido e a enteada, manteve um convite em aberto para morar com elas durante anos. Naquele ano, eu aceitei.

Lembro da minha mãe triste, pois não tinha condições financeiras de me manter com ela, de familiares descontentes com a minha decisão de mudar para outra cidade, do medo de atrapalhar uma família formada e estável. Deixei amizades marcantes, minha mãe e minha irmã, pois me sentia sufocada, independentemente de onde estivesse. Naquela época não pensei tanto sobre isso, apenas queria respirar melhor, algum tempo depois iria parar para refletir sobre essa decisão e suas consequências.

Após me mudar para Imperatriz, fiz todo o Ensino Médio na escola privada CEBAMA. Cheguei aqui, em janeiro, perto do início das aulas, com quinze anos. Assim, fui novata pela última vez. Posso afirmar que todas as minhas experiências durante a Educação Básica compuseram quem eu sou, mas ganhou de fato, forma no Ensino Médio. Foi diferente ter tanta estabilidade no sentido de permanecer três anos em uma mesma escola e em uma mesma casa, crescer com os mesmos amigos. Me adaptei rápido aos novos ambientes e logo chamei atenção com bom desempenho e participação na turma.

O 2º ano foi provavelmente o auge das minhas experiências adolescentes, saindo muito e até mesmo baixando a média das minhas notas, mas brevemente me atentei. Durante esses anos, assumi todos os postos de liderança⁶ possíveis, seja por ser escolhida e indicada, quanto por preferir liderar e poder conduzir os trabalhos e tarefas por medo de dar errado ou por não sentir comprometimento dos colegas. Essa preferência fez com que me tornasse uma pessoa com postura autoritária, um aspecto que demoraria anos para conseguir reduzir.

Em questão de docência, fui marcada eternamente por três professoras nesse período. Primeiro, uma jovem professora de Língua Portuguesa que se comunicava muito e conseguia me fazer gostar um pouco da disciplina. Ela me impressionava pois apesar de nova, lidava com as posturas adolescentes muito bem, mesmo quando

⁶ Refiro-me a estar à frente de trabalhos em equipe, projetos e gincanas interclasses.

desafiada. Além disso, gostava muito da chamada cultura pop⁷ e não evitava conversar comigo e com meus amigos sobre livros, séries e filmes.

A professora de História era gentil e sua didática nunca envolvia o quadro, apresentava os temas como uma viagem no tempo, caminhava por toda a sala e nos fazia participar. Era muito divertido. Nessa escola, professores e professoras incentivavam a criatividade com os mais diversos trabalhos, como minifilmes, peças, cantos, leituras e análises, entre outros tipos de apresentação.

No entanto, a professora que mais me impactou, entrou no 2º ano, substituindo o professor anterior, lecionando Filosofia e Sociologia. Suas duas horas de aula eram meus momentos favoritos na semana. Ela havia se formado recentemente em Pedagogia e explicava os temas de formas simples, diferente e cativante. Costumava organizar a turma em círculos e nos instigava sem parar. Além disso e principalmente, levava temas além dos livros, que eram bastante limitados com temáticas repetidas ao longo dos anos e pouco exploradas, na minha visão. Ao longo de dois anos, refletimos e analisamos textos de Marx, Weber, Descartes, Durkheim, Maquiavel, entre outros, além de letras de músicas, leis e projetos. Discutimos sobre os tabus da época, como gravidez na adolescência, aborto, violências, sexualidade e preconceitos. Ela levava textos e discussões impressas, tinha postura imparcial e conseguia fazer com que todos se interessarem em participar, bem como, também nos fazia apresentar seminários, o que me ajudaria em postura e fala como universitária, pela forma que os temas e discussões foram trabalhados. Nessa época, consegui perceber muitos aspectos sociais e como me afetavam coletiva e pessoalmente, de modo que aquelas aulas não me ajudaram apenas na escola, mas afetaram toda a minha vivência.

Passamos os três anos do Ensino Médio sendo "preparados" para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)⁸. Eu achava estranho, pois focaram muito na melhor nota possível, mas não auxiliavam na escolha de uma futura profissão. Quando comentavam, focavam em Direito, Medicina e às vezes citavam Engenharia. No entanto, não me identificava com nenhuma dessas profissões. Durante a minha vida até ali, tudo o que me identifiquei tinha a ver com arte, desenho, literatura, história e

⁷ Termo referente a todo conteúdo popular. Está presente em diversos âmbitos como entretenimento, tecnologia, moda e envolve vários campos da arte, como músicas, filmes, esportes, entre outros.

⁸ Exame nacional criado pelo Ministério da Educação (MEC), em 1998 que serve como principal forma de ingresso na Educação Superior.

filosofia. Não apenas no sentido escolar, mas de tudo que gostei fora da escola, pelo fato de que cresci assistindo desenhos e desenhando, sempre foi minha forma de expressão, de diversão e até de interação com outras pessoas.

Muitas vezes, foi nas animações que me enxergava de algum modo, fosse em aparência ou principalmente, personalidade, já que nessa época não existiam tantos personagens negros em evidência. Da mesma forma com a literatura, mas estudar história e filosofia foi o que me abriu os olhos para refletir sobre a realidade e até entender o impacto da arte na minha vida. Desse modo, passei o último ano escolar pesquisando uma profissão que pudesse se encaixar com a maioria das minhas inclinações. A minha conclusão foi o Curso de Pedagogia.

Por fim, reconheço após essa viagem no tempo, o quanto me modifiquei e precisei me adaptar. Obtive muitos estímulos diferentes por estar sempre trocando de casa, de ambiente, muitos positivos e outros negativos. Foram muitas realidades experienciadas e relações interrompidas até poder me estabelecer e desfrutar de uma convivência contínua que muito me fez bem. Essa estabilidade auxiliou na tomada de decisões que me levaram até a próxima fase da minha jornada com novas rupturas.

1.4 Caminhos entre a teoria e a prática com as conclusões de uma identidade em movimento

Minha família queria e esperava que eu cursasse arquitetura pelo meu histórico com desenho, que sempre foi reconhecido. De fato, desenho sempre foi a minha paixão, porém em seu sentido artístico, imaginativo, como ilustração, animação, quadrinhos, entre outros, não para o desenho técnico. Mas, sempre soube a realidade difícil de seguir caminhos artísticos como a ilustração. Decidi escolher algo com que me identificasse e pudesse construir uma carreira para ter oportunidade de explorar mais horizontes.

Entendo ter realmente começado a procurar pela profissão a partir do segundo trimestre do último ano escolar. Me questiono bastante sobre a participação familiar nesse processo, lembrando situações de pressão em direção a uma profissão rentável e com mais prestígio.

Fiz cursinho pré-vestibular para me preparar para o Enem e no Sistema de Seleção Unificada (SISU), não utilizei cota. Pensei sobre todas as oportunidades educacionais que desfrutei e privilégios que tive.

Quando o resultado saiu, minha mãe se orgulhou, minha tia, também pedagoga, me parabenizou, mas as demais pessoas da família ficaram descontentes. Me criticaram por esperarem outro caminho, justificando que poderia ter optado por outros cursos, visto que sempre me saí muito bem na escola. Considerei uma das piores justificativas, porém, outros pedagogos que conhecia me incentivaram a escolher outras áreas. Tudo isso gerou bastante incômodo, assim, percebi que seriam posições frequentes.

Ao me interessar pelo Curso de Pedagogia, pesquisei bastante sobre a área, descobri a abrangência e o contato com diferentes áreas do conhecimento, além do estudo do desenvolvimento humano. De modo que outro fator determinante para minha escolha, foi perceber que a Pedagogia oferece oportunidades diferentes de trabalho, além daquelas conhecidas pelo senso comum, que identificava pedagogos apenas como cuidadores de crianças pequenas.

Entrei na Universidade Federal do Maranhão, Campus Centro, na época, Centro⁹ de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia (CCSST), em 2018.1, período noturno. Após dois períodos, concluí que havia feito uma escolha assertiva, as primeiras disciplinas foram Filosofia, Sociologia, Psicologia, e Leitura e Produção Textual, tudo com o que me identifiquei durante a Educação Básica. Depois, os outros períodos serviram para compreender definitivamente do que se trata a Pedagogia, como por exemplo em Libâneo (2001, p. 6):

Pedagogia é, então, o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação – do ato educativo, da prática educativa como componente integrante da atividade humana, como fato da vida social, inerente ao conjunto dos processos sociais.

O autor explica que a Pedagogia não possui apenas um caráter formativo de professores/as, mas se ocupa em estudar a educação como o campo vasto que é, fazendo parte de setores/espços da sociedade, sendo inerente aos processos pela amplitude científica da área pedagógica que estuda tantas outras áreas.

Algumas das disciplinas que me atingiram pessoalmente e profissionalmente ao longo do Curso de Pedagogia foram Antropologia, Fundamentos e Metodologias da Educação Infantil, Educação e Diversidade Cultural, Fundamentos e Metodologias para o Ensino de Ciências e de Fundamentos e Metodologias para o Ensino de

⁹ O Campus foi rebatizado como Centro de Ciências de Imperatriz (CCIM) em 09 de maio de 2022.

Geografia. Através delas, pude desenvolver dois aspectos formativos, primeiro no sentido de formação de identidade, ao fortificar minha autoafirmação como mulher, negra, nordestina. Assim, pude notar a falta que fez em meu desenvolvimento não ter contato com representações com que me identificasse nos ambientes frequentados. Em segundo, no sentido de formação pedagógica, pois por meio de algumas disciplinas apreendi profundamente o alcance do meu curso e da vindoura função pedagógica.

Para além das disciplinas, penso que um dos principais choques de ter adentrado a Universidade foi a realidade desse espaço. Minha primeira sensação foi pertencimento, imediatamente após adentrar, lembro do sentimento ao me perceber em um local tão diverso em todos os sentidos. Um sentimento que permaneceu por um longo período. A impressão de liberdade. Algo que eu nunca tinha sentido e que de certo modo, nunca procurei de forma lúcida, pois não sabia que precisava.

Consigo lembrar de todos os pontos de ruptura no sentido de mudança pelas quais passei ao longo do Curso de Pedagogia. Essas mudanças foram frequentes e mais profundas por percebê-las melhor do que todas as outras rupturas que passei ao longo da vida, inclusive, o curso ajudou a entender e rever muitas experiências e ressignificá-las.

A jornada acadêmica foi interrompida pela Pandemia da COVID-19¹⁰ em 2020.1 após algumas semanas do início do período a Universidade ficou parada por meses antes de retornarmos na modalidade remota. Fazendo um recorte universitário, foi uma etapa muito difícil, pela pausa, pois estávamos bastante ativos e de repente tudo parou em todo o mundo. Por isso, ao longo da Pandemia todos conversamos bastante sobre nossas perspectivas do momento vivido, o que surtiu efeitos positivos em mim e em colegas, já que estávamos afetados e afetadas psicologicamente.

Nos períodos de 2022.1, 2022.2 e 2023.1, realizei os Estágios de Gestão, Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, respectivamente. Foi instigante e de grande valor formativo observar e vivenciar a prática pedagógica em cada escola que realizei os Estágios porque foram experiências desafiadoras, mas, em sua maioria positivas, em que pude conhecer profissionais e ambientes distintos.

¹⁰ Infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, de elevada transmissibilidade e de distribuição global descoberta em 2019. A doença foi caracterizada como uma pandemia em 11 de março de 2020, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), após se espalhar por vários países do mundo.

Me arrependo de não ter vivido a Universidade em seu máximo, no sentido de pesquisa, ensino e extensão. Participei de palestras como ouvinte e acompanhei alguns projetos, mas quase nada diretamente. Me debrucei em leituras, debates e aprendi o valor de mudar de opinião, reconsiderar e reavaliar.

Ainda na metade do curso, vivi primeira experiência profissional como Auxiliar de Alfabetização pelo Programa Mais Alfabetização (PMALFA)¹¹, que participei em 2019 e 2020 no qual trabalhei com crianças do 1º e 2º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Minha função era auxiliar as professoras na orientação de crianças com dificuldades para compreender o sistema alfabético e matemático. Auxiliei três turmas distintas, duas na Escola Municipal Santa Tereza e uma na Escola Municipal Guilherme Dourado. Considero três experiências distintas, pois, as professoras possuíam didáticas e condutas diferentes, afetando suas turmas, em comportamento e desempenho. Isso enriqueceu minhas análises na Universidade. Foi diferente vivenciar fatores como contexto social, relação professor-aluno, práticas, questões sociais, emocionais e o universo pedagógico que até o momento apenas podia acessar através de professores/as ou memórias.

Entretanto, por causa da Pandemia, a organização das escolas mudou assim como de todos os setores, o projeto continuou remotamente, porém optei por sair. Na época, a rotina da minha família se modificou bastante e tivemos novas tarefas em casa. Após o retorno presencial das aulas, busquei outras oportunidades em estágios remunerados, fazendo entrevistas até ser aprovada em um acompanhamento pedagógico como auxiliar de desenvolvimento infantil, no segundo semestre de 2022, e lá permaneci, como efetivada até o início de 2024.

Na empresa, tive contato com crianças do 1º ao 5º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental. No meu período como auxiliar, acompanhei principalmente crianças do 2º ano, e como efetivada, acompanho crianças do 3º e do 5º, períodos e idades com os quais me identifico mais. Na função de auxiliar no desenvolvimento infantil, nesse tipo de instituição, é necessário se ater a cada criança em suas especificidades, perceber as dificuldades e trabalhar com cada uma individualmente.

Enfrentei muitos desafios e vivenciei a necessidade da formação contínua, constantemente estudando temáticas distintas e a melhor didática para lecionar.

¹¹ Processo de seleção e classificação de candidatos para suprir a função de Assistente de Alfabetização Voluntário para atuar nas turmas 1.º e 2.º anos do Ensino Fundamental.

Também tive contato com crianças atípicas, principalmente com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)¹². Encontrei obstáculos seja na didática, relacionados à comunicação com as crianças e até com os responsáveis, por vezes me senti sobrecarregada com as demandas. Nesse sentido, posso afirmar que essa oportunidade trouxe principalmente a experiência própria e absorvida das colegas pedagogas que me acompanharam na empresa.

No presente momento de 2024, estou atuando como auxiliar pedagógica terceirizada em uma Creche Municipal, Frei Benjamin Zanardini, na Educação Infantil em uma turma de 2º período. É minha primeira experiência trabalhando com crianças pequenas e por lá rememoro o vasto conhecimento teórico obtido na UFMA sobre essa etapa da educação, principalmente sobre desenvolvimento motor e ludicidade. Tem sido uma vivência mais tranquila em relação às outras, porém não menos rica.

Depreendo então, que o arcabouço teórico e a gama de experiência prática trazidas pela academia me modificaram não apenas como aprendente, futura pedagoga, mas como pessoa individual e coletiva. O Curso de Pedagogia norteia os discentes desde as origens remotas da profissão, perpassa a psique e desenvolvimento motor das crianças até os fundamentos metodológicos de várias áreas do conhecimento. É uma proposta de compreender-se para compreender os outros. Nesse sentido, o processo educativo me alcançou tão profundamente que desejo perpetuar o conhecimento ainda mais.

Após essa reconstrução histórica, afirmo que o processo de escrita foi demorado. Em vários momentos duvidei das memórias evocadas, pois além do intervalo entre o antes e o agora, há o meu olhar atual para elas. Esse olhar, regado de reflexões fundamentadas percebe fatos que na época em que ocorreram, passaram despercebidos ou foram um incômodo passageiro. Por isso, existe, na finalização desse capítulo uma sensação de integração, diante do que eu lembrava sem esse exercício e do que descobri, realizando-o.

Portanto, no que se refere à minha construção identitária, afirmo que apesar de constante, não foi ritmada. Houve momentos em que tudo que vivi até certo ponto foi absorvido e então ocorreu uma descoberta. Mas houve outros em que a mudança foi mínima, pois nem sempre recebi os estímulos mais funcionais ou estive preparada para me modificar.

¹² Distúrbio neurobiológico crônico que se caracteriza por desatenção, hiperatividade e impulsividade.

Sempre soube que sou negra, desde pequena, isso não foi escondido, e nem foi motivo de vergonha, a representação de uma mulher negra que se orgulhava da pele e dos cabelos, na figura da minha mãe foi suficiente para me preservar de muitas negações, mesmo considerando o contexto em que cresci. E não demorei a saber que seria tratada de forma diferente, mas percebo na jornada até aqui, que há significativa diferença entre saber e entender.

Por fim, a descoberta da negritude foi um e é um processo de autoconhecimento nessa construção identitária que em algum momento me modificou de tal forma que não possui volta, mesmo que a construção não tenha fim, possui várias conclusões. Após essa mudança, essa noção estabelecida, destaco dois pontos: a satisfação de se conhecer e querer mais e a tristeza de sentir que até esse momento, estava perdendo algo, que houve um atraso.

2 – A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

No desenvolvimento identitário, a construção que realizamos percorre e transcorre a sociedade, a cultura, a família, outras instituições sociais e afins, porém esses elementos não funcionam da mesma forma para todos os grupos sociais. Sendo assim, a questão que estabelece esse capítulo é “Como ocorre a construção da identidade negra?”. Ele é dividido em duas seções, a primeira dedicada a compreender o que é e como se forma a identidade e a segunda, focada no processo de descoberta da negritude no contexto identitário.

2.1 A formação de identidade

Quando pensamos sobre identidade, é comum imaginar as perguntas “quem eu sou?”, “como eu sou?” e “do que eu gosto?”, ou seja, pensar em uma descrição de nós mesmos/as e da esfera de características que nos envolve. No entanto, essa autodescrição requer autoconhecimento que é construído em um processo que vem com um sentimento de busca por sentido, o sentido de ser de tal forma. Nesse contexto, buscamos responder “O que é identidade?”.

Consideramos nesse trabalho, com Munanga (1996, p. 17), que identidade é a ação de se definir, delimitar tudo aquilo que você é em oposição ao que outras pessoas e grupos são. Assim, entendemos que a identidade é construída em uma relação da consciência do se considera ser e do que considera que o outro é, ou seja, consciência da identidade e da diferença. Nesse sentido, Silva (2014, p. 74) explica que a “identidade e a diferença estão em uma relação de estreita dependência.” Isso pois, toda vez que afirmamos aquilo que somos, é porque sabemos o que não somos.

Nesse contexto, Gomes (2005, p. 41) afirma:

A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares referências civilizatórias que marcam a condição humana.

Logo, a identidade não nasce conosco, mas é adquirida através vivências individuais, sociais e culturais. Portanto, ela é construída de forma contínua já que o

sujeito vivendo em sociedade, está sempre recebendo referências de pessoas e culturas, processos sociais, para se identificar ou não.

Hall (2014, p. 108) corrobora com esse pensamento quando diz que as identidades “estão sujeitas a uma historização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação.” Nesse sentido, o autor, em seus estudos, compreende identidade como identificação ao defender que se constrói através da história e por isso se modifica dependendo de como os sujeitos se relacionam com os sistemas. Podemos entender essas relações como representações e identificações, seja na presença ou ausência delas, de forma positiva ou negativa, mudam a autodefinição, são exemplos do que os sujeitos podem ser e o que podem fazer.

Nesse cenário, para Woodward (2014, p. 17), a representação:

Inclui práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser?

Segundo a autora, os sistemas simbólicos fazem com que o sujeito se posicione, esse posicionamento gera significados que ajudam o sujeito a compreender a si mesmo, sua existência e experiências. Ela esclarece que através dos sistemas, nas representações culturais podemos nos reconhecer, nos compreender ou imaginar quem poderemos ser, o que pode ocorrer na esfera individual e na coletiva. Um tipo de posicionamento sobre a própria existência. Diante disso, ainda cabe verificar como se dá a representatividade:

Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos. Entretanto, esse é um processo longe de ser simples ou direto (Hall, 2016, p. 31).

Assim, a representação, através de diferentes linguagens, forma significados que são partilhados, e impactam membros de uma coletividade, modificando como os sujeitos compreendem o mundo e a si mesmos. Desse modo, depois que o sujeito se

reconhece, ou seja, se percebe ali, ele se identifica. Nesse contexto, a modificação, ocorre, pois, ao se identificar, se vê representado em dada linguagem ou discurso, então o sujeito se interpela, questiona a própria realidade e passa a produzir uma nova subjetividade.

Portanto, compreendemos que a identidade é uma autodefinição que nasce da percepção daquilo que não somos, ou seja, é marcada pela diferença. Nós adquirimos identidade através de um processo social contínuo de contato com outros sujeitos e das representações dos sistemas simbólicos que são culturais e políticos. Com essas representações, podemos nos identificar ou não e compreender a nós mesmos, dar sentido a nossa existência e nos modificar. Sendo assim, a identidade é um processo importante e necessário, individual e coletivamente para que os sujeitos possam se posicionar na própria realidade.

2.2 Identidade negra e o processo de descoberta da negritude

Quando o tema é negritude no contexto contemporâneo, a sociedade vem de séculos de preconceito, estereótipos e discriminação daquilo e principalmente, daqueles que são diferentes pela cor da pele. Porém, em um movimento progressivo de mudança, principalmente através da representatividade após inúmeras lutas sociais, a formação identitária dos sujeitos negros coletiva e individualmente, é impactada. É necessário refletir sobre esse processo para compreendê-lo. Nesse contexto, questionamos o que é identidade negra e como se forma(m) a(s) identidade(s) negra(s)?

Compreendemos que a identidade é construída de modo contínuo de acordo com as identificações que desenvolvemos quando nos vemos representados ou não pelos sistemas simbólicos. Além disso, conseguimos definir o que somos pois entendemos o que não somos a partir da percepção das diferenças. Ao reconhecer tudo aquilo que ele não é, o sujeito sabe o que é, quem é. E vice-versa.

Dessa forma, para Gomes (2003, p. 171) a identidade negra:

Assim, como em outros processos identitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num processo que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, em que os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividade e no qual se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão

de mundo. Geralmente tal processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece. A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmos, a partir da relação com o outro.

Então, a identidade negra se constrói ao passar pelos mesmos processos gerais de outras identidades, contato com o outro, com as diferenças, com as representações, ao vivenciar identificações, ser definido pelos outros e por si mesmo. É assim, uma construção social de interação histórica e cultural, ocorre no âmbito individual e no âmbito coletivo, por isso, plural. No entanto, apesar desses processos se repetirem para todas as pessoas, quem faz parte de minorias sociais, aqui em foco, pessoas negras, experienciam esses processos em um contexto de segregação.

Em um país como o Brasil, diverso historicamente, construído por várias etnias, mas sob o viés da colonização, escravidão e imigração, a diferença é bastante perceptível nas relações sociais e na construção identitária. A segregação sofrida por pessoas negras ocorre justamente pela marcação da diferença, por meio dela, a negritude é vista como inferior. Isso afeta seu processo de construção.

Nesse contexto, Woodward (2013) alertou que, em sua maioria, a diferença é marcada pela exclusão, o que claramente configura um problema, não pela existência da diferença, mas pela forma que ela é vista. Ao invés de reconhecer a diversidade como algo positivo, a forma como o mundo se estruturou em volta das diferenças entre indivíduos e coletivos demonstra um olhar negativo de um sobre o outro, e essas estruturas também determinaram os “outros” com uma frequência maior. As minorias são aquelas que não estão no controle e que não são representadas culturalmente, ou são, mas sofrem com estereótipos que conservam as diferenças negativamente. Por isso, é possível afirmar que identidade e diferença são criações do mundo social e cultural, dos símbolos e discursos criados pelos sujeitos (Silva, 2013). Estes símbolos podem ser aspectos concretos e subjetivos, música, dança, literatura, vestimenta, acessórios entre outros, que recebem um padrão, modelos do que é belo pela parte dominante social, a branquitude. Enquanto o sistema simbólico é produzido e reproduzido pelos agentes sociais e culturais da sociedade, governo, escola, mídia e outras instituições.

Desse modo, a identidade negra precisa se desenvolver em um contexto em que não é modelo do belo, sua cultura originária não é respeitada nem apreciada pela

cultura dominante e o sujeito negro pouco é representado pelas estruturas sociais. Quando representado, por muito tempo foi apenas como coadjuvante das histórias de brancos, empregados, serviçais, sob ótica estereotipada do corpo sensual, violento e exótico. A representação afeta diretamente a identidade, identificar-se com algo negativo não é agradável e ao não receber instruções sobre a discriminação e sua natureza, os sujeitos podem negar a si mesmos, e assim violentar-se.

Em uma entrevista, cedida para a revista Estudos Avançados¹³ em 2004, em que reflete sobre os longos anos de estudo sobre a negritude brasileira, o antropólogo brasileiro-congolês Kabengele Munanga afirma que definir quem é negro no Brasil é uma tarefa difícil:

Parece simples definir quem é negro no Brasil. Mas, num país que desenvolveu o desejo de branqueamento, não é fácil apresentar uma definição de quem é negro ou não. Há pessoas negras que introjetam o ideal de branqueamento e não se consideram como negras. Assim, a questão da identidade no negro é um processo doloroso. Os conceitos de negro e de branco têm um fundamento etno-semântico, político e ideológico, mas não um conteúdo biológico (Munanga, 2004, p. 52).

Ele se refere a uma questão genética e física, considerando a miscigenação característica do país, cuja consequência direta são pessoas aparentemente brancas carregarem traços negroides, “marcadores genéticos afrodescendentes”, assim como existem pessoas negras de pele mais clara. Em meio a tanta diversidade e em um contexto cultural racista, o antropólogo afirmou que definir-se com afrodescendente é uma decisão política. De 2004, ano da entrevista, para cá, ainda é possível observar essa indefinição.

Ora, como definir-se, como conseguir essa identificação se não a vejo, quando a vejo é negativamente e ninguém ao meu redor deseja ser assim? Formar identidade nesse contexto, não é apenas complexo, mas também pode ser angustiante.

Nesse contexto que trazemos a necessidade de identificação defendida por Hall (2014), em uma perspectiva de identidade que se desenvolve por meio do sentimento de ser representado positivamente. Dess (2022, p. 7) nos diz que a representatividade é:

Um processo estético no qual, primeiramente, nos entendemos como coletividade a partir de certas características comuns ao grupo do qual

¹³ Revista de publicação da Universidade de São Paulo (USP).

fazemos parte, como a cor da pele, o gênero, a classe social ou o local de nascimento. Posteriormente, percebemos um indivíduo que possui tais características e, desse modo, passamos a observá-lo como representativo de nossa coletividade, ou seja, o modo como nos representamos mentalmente coincide, de modo geral, com quem esse indivíduo é.

Assim, de certo modo, se sentir representado é se enxergar no outro, seja pelo que já era idealizado, seja pelo que começou a ser idealizado quando a identificação aconteceu. É um sentimento poderoso que pode movimentar desde um indivíduo até uma coletividade inteira. De um super-herói fictício (Pantera Negra)¹⁴ até um presidente ou até uma das maiores cantoras da atualidade (Beyoncé)¹⁵.

Nesse contexto, conhecemos os termos *identidade atribuída* e *identidade autoatribuída*, perpetuados por autoras e autores, mas aqui na fala de Fernandes e Souza (2016). As autoras afirmam que essas duas dimensões de identidade são construídas de forma coletiva, estruturando-se de acordo com as circunstâncias sociais, culturais e políticas. A observação das autoras é que a identidade atribuída, é baseada nas relações de poder, aquilo que o grupo dominante considera da minoria. Enquanto isso, a auto atribuição da negritude é um posicionamento, é uma construção constante de entendimento, descoberta e vivência frequente de uma realidade opressora. O que vem ocorrendo, é uma reconstrução histórica estabelecendo mais referências de negritude para gerar e identificação visando um pertencer.

Podemos perceber esse movimento, que é mais uma das conquistas de movimentos negros em todas as partes do mundo pelo direito de existir, em mais representações na cultura popular, no sucesso de personalidade negras de vários movimentos artísticos e em várias áreas de empreendedorismo, na valorização da estética negra, em assumir o cabelo crespo, nas tendências de moda focadas na negritude, negros em posições de protagonismo no cinema, séries, nos quadrinhos, nas novelas, brinquedos e até mesmo nos desenhos infantis, entre muitos outros. Há cada vez mais vídeos de crianças se reconhecendo, se identificando nos mais diversos espaços culturais, sorrindo, comemorando em êxtase, em estado de orgulho. Esse tipo de representação, essa visão positiva de si não afeta apenas a autoestima

¹⁴ Super-herói negro das histórias em quadrinhos publicadas pela editora Marvel Comics, criado pelo escritor Stan Lee e ilustrado por Jack Kirby. É o rei de uma poderosa nação africana fictícia. O personagem ganhou um filme em 2018, que ficou muito popular entre crianças, jovens e adultos pela forte representação étnica e cultural.

¹⁵ Cantora e compositora norte-americana negra reconhecida pelo seu talento e significativa contribuição cultural.

de crianças e adultos negros, assegura o interesse de continuar se construindo apesar do preconceito.

Há quem afirme que está bom, que o preconceito não existe mais, que já podemos nos ver e já basta de representatividade. Não. Em sua base, a sociedade brasileira ainda é racista, a identidade negra ainda é confusa, precisamos de mais, mostrar mais, construir mais, educar mais.

Destarte, nesse encerramento podemos afirmar que a construção identitária do sujeito negro brasileiro é complexa e quase sempre dolorosa pela realidade preconceituosa da sociedade. No entanto, há possibilidades. Jamais devemos anular a importância da trajetória de quem se constrói e se descobre, entende-se negro com 20, 25, 30 anos, ou seja, tardiamente ou a de quem já sabia, mas aprendeu a se valorizar com o tempo. É sobre essa diretriz que o povo negro brasileiro vem se constituindo e permanece lutando. Mas, essa luta é para promover jornadas de autoconhecimento e identificação mais tenras. Nessa lógica, Neusa Santos Souza (1983, p. 77) expressa:

Ser negro é além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, no qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração.

Como o título do livro que esta referência foi retirada coloca, ser negro é descobrir-se, e se auto resgatar, é tomar posse de sua narrativa, é defender-se, é aceitar-se, em nossa realidade e é ser politicamente testado. É passar por um processo longo, chegar a uma conclusão, se orgulhar e então, continuar construindo.

3 – FUNÇÃO DA ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

Levando em consideração que a construção identitária ocorre desde cedo e de modo contínuo, em todos os nossos contatos e experiências, é correto afirmar que na escola, local em que permanecemos durante muitos anos, a identidade passa por muitas construções e reconstruções. Como instituição social com múltiplas configurações, a escola também é local de cada vez mais diversidade e assim como o mundo que passa por mudanças positivas através das lutas sociais, ela também se modifica. Por muitos anos, o espaço escolar foi apenas reproduzidor do preconceito racial da sociedade, agora, por meio do movimento negro e sua luta por reformulações na educação, esse espaço se propõe, legalmente, a ser seguro e perpetuar o respeito. Nesse contexto, este capítulo questiona “Qual a função da escola na construção da identidade negra?”

Trabalharemos a partir da perspectiva que envolve a função da escola e da educação como instituição social e produtora de cultura através dos instrumentos dispostos em uma sociedade. Assim, esse agente cultural é responsável por garantir a instrução das áreas do conhecimento, habilidades de socialização, valores éticos e morais para crianças e jovens, sempre em contato com a realidade social.

Desse modo, somos todos educados pela sociedade, apenas partindo de recortes por grupos sociais distintos, mas o racismo como prática não é algo do passado, reverbera, dependendo do lugar e da comunidade, grita. Nesse contexto, Silva e Santiago (2019, p. 7) alertam:

Ao olharmos para as práticas pedagógicas de valorização da identidade, da memória e da cultura negras, partimos do pressuposto de que os rituais que predominam na instituição escolar ainda estão alicerçados no racismo e atuam na manutenção da discriminação e do preconceito étnico-racial: os currículos estão estruturados na conformidade de ignorar a existência das pessoas que fogem ao padrão do ser humano universal: homem, branco, rico e heterossexual; os livros infantis, por meio de seus contos de fada, ignoram a existência das pessoas negras ou as apresentam de maneira depreciativa; os brinquedos disponibilizados, especialmente as bonecas, oferecem apenas a representação da população que possui características brancas; nos cartazes escolares a população não branca, quando não é excluída, é representada de forma estereotipada; e a história da população negra ainda é abordada pela perspectiva da escravidão sofrida, e não da resistência à escravidão, empreendida pelos descendentes de africanos no Brasil.

Nesse panorama, as autoras evidenciam como pode funcionar a manutenção da segregação racial em ambientes escolares, que pode ser percebida em detalhes,

como padrão estético, ausência da representação negra na realidade infantil ou reproduções pejorativas. Há também preservação da narrativa escravocrata sem grande abordagem na extensa resiliência do povo negro que resistiu, lutou, criou arte e cultura, em forma de dança, culinária, vestimenta, trançados, dentre outros. Cultura que prevalece pois foi perpetuada e pode ser reconhecida em todo o país, mas essa parte da história não é aprofundada nas escolas. Dessa forma, embora estejamos em 2024, continuamos recebendo notícias todos os dias de incidentes, crimes, brigas envolvendo racismo, e a depender de como a escola é gerida, de quais são seus valores e inclinações, não está livre da possibilidade de perpetuá-lo. Além disso, é necessário garantir que a educação escolar fortaleça suas ações afirmativas cada vez mais, livre da perspectiva dos estereótipos e narrativa da vítima foi resgatada omitindo a luta pela liberdade. Ao refletir sobre isso, Gomes (2003, p. 171) comenta:

Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros. Será que, na escola, estamos atentos a essa questão? Será que incorporamos essa realidade de maneira séria e responsável quando discutimos, nos processos de formação de professores, sobre a importância da diversidade cultural?

Conforme a autora, questionamos aqui como a realidade em que isso não é trabalhado ainda é extremamente comum, sendo que essa referência data dos anos 2000. Este questionamento de Nilma Lino Gomes continua muito pertinente no agora, pois apesar de vivenciarmos uma era de progresso e maior representação, nem sempre a escola consegue estabelecer um ambiente naturalmente respeitoso que trate cotidianamente das diversidades fora de datas comemorativas, como 20 de novembro.

Para que a juventude negra possa se formar, toda a comunidade escolar precisa se libertar da estrutura, reconhecer e perpetuar a luta da coletividade negra, sua força, sua imagem, suas culturas. Como visto no capítulo anterior, identidades se formam e se transformam no contato com as diferenças e através das representações de determinada cultura. Assim, Nobre e Sulzart (2018, p. 5), declaram que:

Apesar dos condicionantes estruturais que colocam a escola como uma instituição como outras, destinada a assegurar a criação e manutenção do suposto consenso social que legitima o sistema de dominação sob o qual vivemos, é possível pensar e realizar uma luta política que questione o

sistema e busque a sua democratização, ou seja, vise a um maior respeito às diferenças, pluralize o debate, torne as relações internas mais igualitárias e leve em conta a diversidade de interesses e possibilidades de ação dos diversos grupos de interação. A realidade social é complexa, dinâmica, plural, imprevisível, repleta de possibilidades criativas e de meandros, não podendo, portanto, ser apenas o reflexo da estrutura que a condiciona.

Os autores trazem como a função social da escola, entre outros, o de enxergar e considerar a realidade social. Uma estrutura que desconsidera e desrespeita a existência de outros grupos sociais e modos de ser, não deve ser mantida, além disso, deve ser criticada de forma consciente. A escola é, naturalmente território de diversidade, seja em raças, etnias, opiniões, crenças, idades, gêneros e afins, o território escolar é plural, a diferença existe, e não é um problema deixá-la evidente, é o indicado. O contato com as diferenças precisa ser ressignificado e colocado como positivo. Barroso (2013, p. 2), contribui para o debate ao refletir sobre cultura e cultura escolar:

Numa perspectiva funcionalista, a “cultura escolar” é a Cultura (no seu sentido mais geral) que é veiculada através da escola. A instituição educativa é vista como um simples transmissor de uma Cultura que é, definida e produzida exteriormente e que se traduz nos princípios, finalidades e normas que o poder político (social, econômico, religioso) determina como constituindo o substrato do processo educativo e da aculturação das crianças e dos jovens.

Aqui, percebemos as formas como escola e cultura, e por isso, sociedade, estão ligadas. A escola pode ser transmissora das culturas extraescolares. Pode ser uma produtora, criando cultura por meio de suas escolhas curriculares, dando espaço e voz a todas as minorias, chamadas assim justamente pela exclusão, não porque são poucos. E pode ser, local a local, produtora de uma cultura coletiva através de seus atores, pelas relações construídas, relações que evidenciam as diferenças, e assim, formam e reformam identidades.

A produção cultural escolar que evidencia as relações entre os sujeitos e suas diferenças de maneira positiva pode ocorrer naturalmente, mas é de extrema importância que seja oportunizada através de processos pedagógicos conscientes, quando a instituição social reconhece a diversidade e a necessidade de processos representativos.

Nesse sentido, a educação pode utilizar essa possibilidade natural de divulgar, estudar e criar cultura não apenas pelo contato com o diferente, mas pela possibilidade de gerar identificações e assim desenvolver identidades. Por exemplo,

no que interessa esta pesquisa, estudos afrobrasileiros, povos negros, diversidade étnica, entre outros. Reafirmando esse compromisso, Souta (2017, p. 69), traz:

É um processo de construção do eu, que sempre se constrói a partir de um “nós”, ou seja, se está sempre num processo de (re) construção, por isso, acredito que por meio da Educação se constrói um mundo melhor, mais justo, menos excludente, e a escola tem um papel fundamental nessa (re) construção.

Ao discorrer sobre a identidade, a autora considera a importância do contato com os outros que tem como consequência (re) construções identitárias, que trazem em si, mais de uma afirmação sobre o que e quem se considera ser. Não são (re) construções individuais, são também identidades coletivas, que se fortalecem pela diversidade, identificação e representação. A escola é um agente potente de representação mesmo quando não trabalha essa perspectiva diretamente.

Tal como orienta a Lei 10.639 (Brasil, 2003), o trabalho com a História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas é obrigatório, e ajuda as crianças e jovens a reconhecerem a diversidade dentro da coletividade negra. A escola deve se aprofundar cada vez mais nessas narrativas para que os alunos e alunas consigam reconhecer o valor dos povos negros para a construção do país como um todo. Entender a relevância do negro na economia, política, história e cultura nacional, bem como não falar apenas do passado, mas do presente, utilizar as discussões das redes sociais, apresentar grandes ícones negros em todas as áreas. É dever da escola possibilitar que as crianças negras se enxerguem e possam se projetar.

Configura assim, dever da escola não apenas reconhecer e respeitar as identidades que fazem parte de sua instituição, mas dar voz e espaço a elas, não apenas para que seu processo de (re) construção identitário seja seguro, mas para que o pertencimento gerado pela identificação seja mais completo. Também para que crianças brancas compreendam a necessidade ética e moral de respeitar as diferenças. Desse modo, viabilizar que se libertem de práticas e discursos preconceituosos e excludentes, (re)construindo suas identidades. Sintetizando, a função da escola na construção da identidade negra é prover solo seguro e fértil para que se desenvolva.

4 – PERCEPÇÕES IDENTITÁRIAS EM CRIANÇAS DO 5º ANO

Dedicamos este capítulo à pesquisa, discussão metodológica e dados gerados juntamente com sua análise. Assim, foi dividido em seções correspondentes. Primeiro, a fundamentação da prática de pesquisar com crianças, para explicar como compreendemos essa ação. Na segunda seção, o contexto, lócus e sujeitos da pesquisa, onde discorremos sobre o ambiente e a conjuntura em que estão os sujeitos da pesquisa e depois esclarecemos os caminhos metodológicos escolhidos como também seus fundamentos e sua correspondência com o presente estudo. Na última seção, apresentamos os dados e a análise realizada.

4.1 Pesquisa *com* crianças

Considerando a parte desse trabalho interessada na experiência de crianças enquanto constroem sua identidade e no fato de que fomos a campo conversar e ouvir a perspectiva dessas crianças, é preciso fundamentar os eixos dessa experiência. Por isso, aqui, dialogaremos sobre a prática da pesquisa *com* crianças.

Primeiro, pontuamos que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 nos diz em seu artigo segundo que “considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.” Dessa forma, compreendemos que por ser longa, a infância é composta por muitas fases, acompanhadas por diferentes tratamentos e desafios. De modo que, as crianças apresentam uma gama de comportamentos para cada fase que envolve o contato com enfrentamento de tudo e todos ao seu redor, que nem sempre sabem lidar. Sobre isso, Barbosa, *et al.* (2016, p. 107) comentam:

Se a definição de infância e de crianças não é muito simples, as relações das crianças entre elas e o papel que o encontro, o convívio e os relacionamentos têm do ponto de vista social e individual, são especialmente importantes para que conheçamos seus critérios de pertencimento em alguns grupos, quase nunca marcados pelas faixas de idade, uma vez que esses critérios são demarcações adultocêntricas – problemática que demanda mais investigações nos Estudos da Infância e da Criança.

Nesse contexto, como colocado pelas autoras, perceber até onde vai a infância e principalmente, o que nessa fase afeta com ênfase nas atitudes que as crianças

tomam, como convívio e relacionamentos são desafios que encontramos para compreendê-las. É percebendo suas preferências de socialização que podemos marcar um caminho para dialogar com elas, e ainda assim, é necessário aprofundar mais os estudos.

Seguindo essa perspectiva, Simões *et al.* (2021, p. 9) nos diz que devemos considerar as crianças como “sujeitos conectados, híbridos, portadores de identidades fluídas constituídas pela alteridade”. Deste modo, quando tratamos com crianças, seja no âmbito do cotidiano, como parentes, docentes ou pesquisadores, precisamos lembrar que elas possuem conexão com o mundo, a realidade, com outras pessoas e com meios de comunicação, propagadores de cultura. São sujeitos híbridos, ou seja, complexos, com dimensões nem sempre convergentes que lhes formam. Por fim, suas identidades são fluidas, expostas ao mundo e por isso, há alterações que podem se originar do meio individual e coletivo. Logo, através de seus estudos da infância Barbosa, *et al.* (2016, p. 117) complementam que as crianças:

São sujeitos produtores de culturas, uma vez que sua agência tem desdobramentos entre os grupos de pares, via aproximações, amizades, brincadeiras, empatia, conflitos. Todas estas interações possibilitam o desenvolvimento dos processos de construção social de sentidos acerca do que as rodeia (espaço, tempo, regras e saberes), o que é sempre mais complexo do que eventualmente possamos pensar. O adulto terá que adotar uma postura de observação, questionamento e reflexão constantes para conseguir captar esta produção cultural a partir deles.

Portanto, crianças vivem em um ecossistema próprio, tomando decisões e criando ideias originais, resolvendo seus próprios conflitos e assim, desenvolvem sentido. As autoras nos alertam quando dizem que, quando pesquisamos com crianças, há uma inversão de poder, pois elas são bastante capazes de transmitir saberes a quem pesquisa. Isso nos faz refletir sobre o poder das crianças de ocupar espaços, observar falas e ações, pontuar suas próprias opiniões e contestar opiniões alheias, entre outros. A postura de observador/a que questiona e reflete constantemente precisa ser adotada pois é necessário entender que não devemos desconsiderar a complexidades desses jovens ou desprezar sua capacidade cultural.

Desse modo, concluímos que como pesquisadoras e pesquisadores devemos nos atentar para as complexidades e respeitar a autonomia das crianças, como seres individuais e pertencentes a uma coletividade funcional. Por isso, levar em conta suas sinalizações, tentar ler cada ação e reação observando suas preferências sociais e o

contexto em que às realizam, questionar e refletir mais de uma vez. É necessário considerar que são protagonistas do espaço que ocupam e também como sujeitos de pesquisa, sendo assim, ativos em todo o transcorrer do processo.

4.2 O contexto do percurso metodológico

Este estudo foi realizado em uma Escola da Rede Municipal de Educação de Imperatriz, no Maranhão, e ocorreu no ano de 2024, no dia 4 de junho, na Semana de Educação para a Vida.

O *lócus* da pesquisa se localiza no Entroncamento, bairro comercial conhecido pelo grande tráfego de pessoas. É uma escola atende turmas de 1º e 2º períodos da Educação Infantil e turmas de 1º a 5º ano do Ensino Fundamental, sendo 5 salas de aula e funcionando 5 turmas pela manhã e 4 turmas pela tarde. Ao todo, são 198 alunos. A escola é considerada pequena na infraestrutura. Na sala as cadeiras ficam unidas, e organizadas em duplas, formando três filas.

Os sujeitos selecionados foram vinte e cinco crianças de uma turma do 5º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, que possuem entre dez e doze anos. Os sujeitos aqui, foram escolhidos buscando conseguir compreender a perspectiva formativa da subjetividade de crianças, em especial crianças negras que, pelo enfoque do estudo. No entanto, levamos em consideração as falas das crianças não negras, visto que, como anteriormente elucidado, a construção de identidade é realizada em contato com ou outros e com a diferença.

Todos os participantes da pesquisa foram devidamente informados sobre os procedimentos realizados e convidados a participar, e, para marcar o acordo, utilizamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinado pela pesquisadora e participantes.

Após explicar como seria realizada a coleta de dados, explicamos que eles podiam escolher um pseudônimo para serem identificados no trabalho, ao que atenderam prontamente. Desta maneira, a pesquisa foi realizada com todos os participantes cientes dos procedimentos e em acordo com eles. A escola cedeu o espaço da sala de aula, onde a pesquisa de campo transcorreu.

A pesquisa é um processo de investigação profundo, objetivando descobertas, explicação de fenômenos e aprimoramento da ciência. Como a educação é um meio pelo qual conhecimentos podem ser mediados e onde existem

vários participantes, possibilitando a realização de inúmeras dinâmicas, essa relação demonstra que:

Como princípio educativo a pesquisa é um suporte essencial da educação emancipatória que perpassa pelo questionamento crítico e criativo. Neste caso, educação e pesquisa são princípios importantes que se relacionam numa mútua necessidade do aprender e do fazer acadêmico (Santos M; Santos S, 2010, p. 13).

Dessa forma, a pesquisa se interessa naturalmente em compreender fenômenos que ocorrem e são deliberados no meio educacional. A educação possui o interesse de conseguir que o estudante compreenda sua própria realidade e contexto social, se formando para ser capaz de se necessário, modificá-la. Assim, esse trabalho se interessa em compreender fenômenos de natureza sociológica a partir da realidade escolar, ou seja, as consequências da participação educacional na problemática apresentada.

Para isso, recorreremos à metodologia da Pesquisa de Campo. De acordo com Gil (2002, p. 53) essa metodologia:

Focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias.

Conforme o autor, a pesquisa de campo ajuda o investigador/a a agir e observar diretamente com os sujeitos da pesquisa em seu ambiente natural naquele contexto. Esse método enriquece os resultados pois permite que os participantes fiquem mais confortáveis com a realização do estudo. Nesse sentido, o pesquisador/a pode oferecer algumas experiências para a comunidade escolhida realizar, como entrevista, escrita, assistir a um filme, entre outras formas de opinar e reagir sobre algo, serão vivenciadas, observadas e analisadas.

Quanto à tipologia, selecionamos a análise descritiva, posto que segundo Gil (2008, p. 28) ela “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. Portanto, a pesquisa de natureza descritiva liga-se ao presente trabalho

por visar observar e estudar as características dos sujeitos da pesquisa. Isso nos permitiu, ao longo da investigação, gerar dados levando em consideração opiniões, atitudes, crenças e reflexões de acordo com a realidade das crianças e assim estabelecer relações entre variáveis.

A presente pesquisa utilizou a abordagem qualitativa, já no processo utilizamos um diálogo aberto para a geração primária de dados para análise. Nesse sentido, segundo Santos *et al.* (2010, p. 42), “a investigação qualitativa é uma forma de estudo da sociedade que se centra na forma como as pessoas interpretam e dão sentido às suas experiências e ao mundo em que elas vivem.” Ou seja, possui caráter analítico para compreender a natureza complexa do tema e dos dados que serão obtidos, considera a realidade do sujeito para interpretar sua subjetividade.

Nesse sentido, Flick (2004, p. 25) acrescenta que “a pesquisa qualitativa leva em consideração que os pontos de vista, e as práticas no campo são diferentes devido às diversas perspectivas e contextos sociais a eles relacionados”. Isso indica um fator de relevância, pois na investigação da identidade, leva-se em consideração todos os contatos do sujeito, pessoas e culturas, as relações estabelecidas, interessando entender o processo completo.

A pesquisa foi bibliográfica no sentido de buscar alcançar os objetivos de forma mais completa, ao pretender entender por meio da bibliografia como se dá o processo de construção da identidade e assimilação da negritude. Isso pois, Severino (2013, p. 122), entende a pesquisa de tipo bibliográfica é realizada através do registro de pesquisas anteriores, com dados devidamente trabalhados por outros pesquisadores/as a partir de estudos analíticos. Dessa forma, nosso estudo primeiro recebeu embasamento teórico de autores próprios do tema e depois foi a campo, para então investigar diretamente.

Sobre a pesquisa de campo, Severino (2013) afirma que a geração de dados é realizada nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, por isso podem ser observados de forma direta, pois o objeto de estudo é abordado em seu próprio meio. Igualmente através da pesquisa de campo, se investiga como esses conceitos funcionam na realidade escolar e a função que a escola exerce nesse contexto.

Assim, esses dois tipos de pesquisa, englobam os objetivos do presente trabalho ao oferecerem meios para compreender esse fenômeno que se relacionam e complementam. E, entre as técnicas e instrumentos para a geração de dados, selecionamos a entrevista, observação e análise de documentos.

Para oportunizar o diálogo, a pesquisa foi realizada em duas etapas. A primeira com exposição de imagens, perguntas direcionadas e gravação de áudio para documentar. E, na segunda, com a exposição de um filme, perguntas direcionadas e uma folha para cada participante escrever o que entendeu, assim gerando outra “leva” de dados.

A análise de dados se deu à luz do referencial teórico utilizado na pesquisa. Em específico, os autores Souza (1983), Gomes (2003; 2005), Hall (2006), Oliveira e Silva (2022), Simões *et al.* (2021) e Dess (2022) compartilham seus estudos dos enfoques, formação de identidade, identidade negra, função da escola na construção identitária negra, a partir de teorias, deduções e variáveis. Dessa forma, utilizamos a visão deles na interpretação dos dados gerados, ponderando que Marconi e Lakatos (2003, p. 169), consideram esses dois aspectos na análise de dado:

- a) Construção de tipos, modelos, esquemas. Após os procedimentos estatísticos, realizados com as variáveis, e a determinação de todas as relações permitidas ou possíveis, de acordo com a hipótese ou problema, é chegado o momento de utilizar os conhecimentos teóricos, a fim de obter os resultados previstos.
- b) Ligação com a teoria. Esse problema aparece desde o momento inicial da escolha do tema; é a ordem metodológica e pressupõe uma definição em relação às alternativas disponíveis de interpretação da realidade social.

Assim sendo, a análise de dados da pesquisa envolveu procedimentos diretamente ligados à compreensão dos mesmos e de suas variáveis considerando o tema e a realidade dos sujeitos observados. O outro fator é deixar evidenciar a ligação entre o objeto, a teoria e a análise para conseguir chegar a conclusões coerentes com o que foi observado.

Nesse sentido, o processo de investigação culminou em uma análise correspondente ao que foi estudado e aos fundamentos que foram apropriados, levando em consideração os dados obtidos e selecionados durante a coleta, suas variáveis e objetivos.

4.3 Procedimentos, dados e análise

Para desenvolver um estado de reações e reflexões, dividimos a pesquisa em dois momentos principais. Primeiro, foram expostas algumas imagens previamente selecionadas e focadas em retratar a diversidade étnica e racial, com famílias, super-heróis, desenhos infantis, tons de pele e retratos culturais como uma roda de capoeira. Observamos as reações, depois ouvimos as crianças e direcionamos algumas perguntas, utilizando a gravação de áudio para documentar. No segundo momento, passamos o filme curta-metragem brasileiro “O xadrez das cores”, estabelecemos o momento do diálogo e então indicamos que escrevessem suas compreensões, identificações, sentimentos sobre o assistido. Pedimos que todos escolhessem um outro nome (pseudônimo), para serem identificados na pesquisa.

Sobre o primeiro momento. Passamos as imagens duas vezes, na primeira vez, apenas deixando que observassem, mas reagiram e falaram algumas coisas sobre cada uma. Na segunda vez, as imagens foram passadas pausadamente com questionamentos. Segue abaixo algumas das imagens utilizadas:

Figura 7 – Princesas da Disney.



Fonte: Página do Pinterest, 2023.

Essa imagem foi selecionada pois princesas da Disney sempre foram uma marca forte entre crianças, principalmente meninas, pelo seu aspecto lúdico, com aventuras femininas e idealizações que se modificaram com cada época. Nesse sentido, com o passar dos anos as princesas foram sendo representadas com mais diversidade racial e étnica.

Figura 8 – Coleção de lápis Caras e Cores.



Fonte: Site da Faber Castell, 2024.

Nessa mesma perspectiva, a seleção desta imagem se justifica na memória de que por muito tempo o lápis de cor bege foi chamado de “cor de pele” excluindo a diversidade de tons de pele existentes. No entanto, atualmente, várias marcas lançaram coleções de lápis de colorir focadas apenas nas várias tonalidade de pele existentes, das mais claras até as mais escuras.

Figura 9 – Família do filme Encanto.



Fonte: 2D_M9, 2022.

No que se refere à representação da diversidade de tons de pele existentes, as animações principalmente, têm feito isso com uma frequência cada vez maior, como no recente filme “Encanto”¹⁶, de 2021, que fez muito sucesso entre as crianças.

¹⁶ Filme da Disney lançado em 2021.

Figura 10 – Mulher em traje típico de baiana.



Fonte: Página do Pinterest, 2016.

Ainda pensando na diversidade, esta imagem foi selecionada pela sua representação cultural afro-brasileira, pouco evidenciada nas escolas, visando observar a reação das crianças e perceber se havia alguma familiaridade.

Quando questionados sobre o que viram nas imagens, Bilie Eilish, uma menina de pele clara disse: “Vi coisas que a gente não poderia ser racista, tipo amigos de outras cores”. Notamos que ao observar uma grande quantidade de imagens com pessoas negras em contextos diferentes, mas sem viés político, a menina rapidamente associou a uma perspectiva antirracista.

Já Luiz, um menino branco refletiu: “Igualdade social e desenhos que a gente gosta”. Ele também associou a uma perspectiva sociopolítica e evidenciou que conhece os desenhos. Compreendemos que ele parece ser habituado com diversidade nesse meio e a questões de desigualdade social, ligando-a ao contexto racial, mesmo que não tenha sido exposta nenhuma imagem com esse tipo de representação.

Princesa (que livremente se identificou como parda) falou: “Vi vários tipos de princesas, vi famílias, lápis de cor, só que tipo, como é que eu posso falar, com vários tipos de tons de peles, que a gente não pode ser racista e tudo mais”. Novamente notamos o entendimento de que as imagens passam a ideia de que o racismo é errado, demonstrando que as crianças da turma entendem o que é racismo, mas não parecem habituados a observar e interpretar imagens de diversidade sem um sentido de conscientização.

Percebemos assim que as crianças focaram imediatamente na diversidade e em questões de racismo, mesmo que isso não tenha sido estabelecido antes. Sobre o tema, Nilma Lino Gomes (2005, p. 52) explica:

O racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo etc. Ele é por outro lado um conjunto de idéias e imagens referente aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. O racismo também resulta da vontade de se impor uma verdade ou uma crença particular como única e verdadeira.

Nesse sentido, as crianças da turma, principalmente as crianças brancas, que inicialmente foram as mais participativas, ao observarem as imagens de diversidade negra, fizeram imediatamente uma ligação com o tema racismo. A turma demonstrou conhecer o tema e entender que é errado, especificamente no que diz respeito a cor da pele.

Questionados sobre que tipo de famílias eles mais veem nas coisas que assistem, a maioria respondeu que vê mais famílias compostas por pessoas brancas. Alguns outros afirmaram que veem dos dois tipos. Passamos as imagens das composições familiares do filme “Encanto”, que apresenta uma grande família colombiana, composta por casamentos interraciais que geraram irmãos com tons de pele variados. Sobre essas imagens, as crianças declararam animados que já assistiram ao filme e que as famílias deles se parecem com a da animação, em que todos possuem tons de pele diferentes, ou um dos genitores é branco e o outro negro. Sendo assim, mais um atestado da diversidade racial e miscigenação brasileiras que não são ocultas para a turma.

Quando viram a imagem dos grupos de amigos dos filmes “Red”¹⁷ e “Luca”¹⁸, afirmaram que lembram sua turma, que tem várias pessoas diferentes. Vibraram com as imagens dos super-heróis Miles Morales, Homem Aranha Negro, Peter Parker, Homem Aranha original, Homem de Ferro e Pantera Negra. Ficaram espantados que existe uma Mulher Maravilha e um Superman Negros. Disseram: “Como assim? Isso não faz sentido, tia”. Seguem exemplos abaixo:

¹⁷ Filme dos estúdios Disney e Pixar lançado em 2022.

¹⁸ Filme dos estúdios Disney e Pixar lançado em 2021.

Figura 11: Val-Zod, Superman negro.



Fonte: Página do Pinterest, 2021.

Tanto o Superman quanto a Mulher-Maravilha negros foram criados como versões dos super-heróis brancos que carregam esses nomes originalmente. Porém com o passar dos anos e com a cobrança do público, os dois personagens ganharam suas próprias origens e elementos singulares para suas narrativas, tornando-se ainda mais identificáveis.

Figura 12: Núbia, Mulher-Maravilha negra.



Fonte: Swayart, 2022.

Essas e outras imagens citadas, foram selecionadas pelo maior viés de representatividade que a realidade atual oferece. Nesse contexto podemos atestar representação de figuras negras em contexto de protagonismo e do mundo, diverso como é, para todos os grupos étnicos, incluindo crianças brancas. A respeito desse cenário, Gomes (2003, p. 172) defende:

É importante lembrar que a identidade construída pelo negro se dá não só por oposição ao branco mas, também, pela negociação, pelo conflito e pelo diálogo com este. As diferenças implicam processos de aproximação e distanciamento. Nesse jogo complexo, vamos aprendendo, aos poucos, que as diferenças são imprescindíveis na construção da nossa identidade

Relembrando os estudos sobre a identidade se construir também pelo contato com a diferença, Gomes salienta que esse contato possui via dupla. O sujeito negro precisa crescer em uma sociedade desigual, então além da luta para conquistar espaços que lhes pertencem, é necessário que do outro lado, o sujeito branco compreenda esse pertencer.

A construção de uma identidade negra positiva será mais segura se os sujeitos brancos forem devidamente educados e puderem enxergar as diferenças, não como algo negativo, mas algo a ser celebrado. A representação do corpo negro em diversos espaços de poder, nesse processo, cumpre como ponte para que essa educação seja estabelecida.

Nesse contexto, todos reconheceram as linhas de lápis de cor com tons de pele da marca Faber Castel. Alguns contaram que ainda costumam ouvir outras pessoas chamando a cor bege na caixa de “cor de pele” e duas alunas afirmaram que chamam assim de vez em quando, por engano.

Ao ver imagem da mulher negra em um traje típico de baiana muitos afirmaram que a imagem representava “macumba” imediatamente. Questionados, explicaram que macumba é “um coisa ruim”, então uma menina (Bilie Eilish) interrompeu os outros e disse “depende da religião”. Ela firmou: “assim, tem católica, crente, cristã.” Perguntamos que religião acreditava que a moça da foto seguia, ao que respondeu: “Umbanda, eu acho... Por causa da minha religião, eu não gosto muito, mas eu não tenho nada contra”.

Sobre essa problemática, Oliveira e Silva (2022, p. 59) discorrem:

Entre os pontos que devem ser desmistificados no trabalho do ensino de história da África está o trato com as religiões de matriz africana, compreendendo que estas religiões fazem parte da formação da identidade brasileira e da identidade cultural negra no Brasil, haja vista que elas foram símbolo de resistência. [...] Consequentemente ao se buscar trabalhar as respectivas religiões no contexto escolar do ensino de história da África, elementos antes isolados na comunidade escolar, dentre eles pais religiosos, encontram uma oportunidade para constituir articulações hegemônicas e legitimar seus posicionamentos racistas e intolerantes à respectiva temática.

As autoras apontam a necessidade de trabalhar a cultura africana e afro-brasileira em seu máximo, incluindo religiões, pois elas fazem parte da história e cultura brasileira, por isso, da identidade nacional. Assim, não adianta trabalhar apenas a base mais óbvia do preconceito quando ela se alastra para além do tom da pele. A problemática está também em estigmatizar tudo que for ligado aos grupos negros, essa estigmatização vem de casa e de outras instituições sociais. Sobre esse cenário, Simões et. al (2021, p.10) afirma:

A criança é um indivíduo que não só internaliza e reproduz os conhecimentos, mas também reinventa, tendo, pois, um papel ativo em sua relação com o meio em que vive. Essa criança atribui significados a seu mundo e tem a capacidade de interferir em sua cultura e nas formas que tem de construir seu conhecimento.

Desse modo, as crianças mudam sua forma de agir e de pensar de acordo com as suas interações, pois são influenciadas. A questão é que esse processo ocorre em muitos níveis, desde pequenas mudanças até grandes mudanças, em um desenrolar constante, porém não tão linear. A ausência de linearidade se dá, pois, esses sujeitos que são modificados pela socialização, geralmente interagem com vários grupos e meios simultaneamente. Família, escola, amigos, vizinhos, grupo religioso, redes sociais, programas, filmes, personalidades públicas, nichos específicos, entre outros. Nesse sentido, as informações recebidas são mistas, e as crianças podem selecionar o conhecimento/ comportamento que irão reproduzir, apenas reproduzir, contestar ou ainda, reinventar. Não excluindo a opção de realizar tudo isso. O fato é, depende das suas interações e do teor da influência.

As crianças podem saber o que é racismo e que é errado, mas quando se referem negativamente a outros traços que envolvem a cultura originária dos povos negros, nem todas entendem que também é uma forma de preconceito. Os que parecem entender, não souberam justificar.

Então, partimos para o segundo momento.

Utilizamos o filme curta-metragem brasileiro “O Xadrez das cores” de 2004, com 22 minutos do diretor Marco Schiavon. Se desenvolve como um jogo de xadrez. Seu principal tema é a discriminação racial, porém também aborda solidão, perda e superação.

O curta retrata a convivência entre Cida, uma empregada doméstica negra que é contratada para cuidar de Estela, uma senhora idosa, branca e racista. Ao longo da história, a Estela insulta, provoca e humilha Cida através de palavras e frases como “negrinha”, “crioula”, “de preta já basta você”, além de insinuações de roubo, dano, evidenciando seu preconceito racial. A idosa inclusive zomba da empregada que estava rezando para Nossa Senhora Aparecida, a versão negra da santa. No entanto, Cida suporta todas as agressões e gradativamente reage, contestando e se defendendo, como em “a cor não faz diferença”. Independentemente de como a senhora lhe trata, Cida cumpre seu trabalho corretamente.

Um dia, Cida observadora curiosa, pede que a senhora lhe ensine a jogar xadrez. Estela atende, mas utiliza o jogo como mais uma forma de insultar Cida e se mostrar superior, realizando metáforas entre o jogo e como a sua visão da realidade. Por exemplo ao dizer que os peões não valem nada, assim como empregadas domésticas, que as peças brancas decidem o jogo pois os brancos sempre devem estar à frente dos negros, inclusive jogar as peças pretas no lixo. Cida que era bem atenta ao que estava ocorrendo, compra um tabuleiro e um manual para treinar e realiza suas próprias reflexões, rebatendo a discriminação. As personagens estabelecem uma identificação além do jogo quando compartilham a perda de seus filhos. Estela, que foi obrigada a realizar um aborto pelo marido e Cida, que perdeu um filho para a violência.

Após perceber que não são tão diferentes e através de seus estudos, Cida aprende que quando um peão chega a última casa do tabuleiro, ele pode se transformar em qualquer peça que já tenha saído, inclusive uma rainha. Assim, traça um paralelo com a própria vida, finalmente consegue vencer Estela no jogo e pede demissão, alegando que mais do que dinheiro, precisa de dignidade. A senhora se irrita e com o tempo sente falta de Cida e seus cuidados, mudando suas ideias. Enquanto a mulher negra se interessa em modificar sua realidade, onde todas as crianças de sua vizinhança brincam de polícia e ladrão. Ensina a jogar xadrez. Após um tempo, Cida retorna e percebe a mudança de comportamento de Estela. Na última

cena, jogam novamente, mas agora, Cida com as peças brancas e Estela, com as pretas.

Dessa forma, o filme reflete sobre as relações entre racismo e dignidade através do desenrolar de uma relação entre duas pessoas mulheres opostas que conseguiram se identificar através do sentimento de perda. Ele desenvolve a metáfora do xadrez o jogo como cenário da possibilidade de empoderamento dos sujeitos negros, mesmo em uma realidade opressora.

Primeiro observamos e tomamos nota das reações ao longo do filme. Depois, dialogamos rapidamente sobre seus temas e as opiniões das crianças e então, cada uma, em posse de uma folha em branco, pode escrever sobre suas impressões e sentimentos. Pedimos que na folha, além de suas observações, colocassem seu nome, um nome (pseudônimo) para os identificarmos na pesquisa e caso quisessem, a raça que se identificavam (uma demanda que surgiu naturalmente no decorrer do tempo em campo). Nesse contexto, selecionamos alguns desses relatos, direcionando a atenção para crianças de pele mais escura.

Para adentrar, iniciaremos com as reações ao longo do filme. Visivelmente não concordaram com as atitudes da personagem Estela. Quando a Estela vence Cida mais uma vez no xadrez e diz “preto como você só presta pra jogar futebol”, um menino disse “Então, eu sou preto!” e, outros meninos concordaram.

Esse menino se identifica na pesquisa como Neymar e estava usando uma camisa de futebol. Ele não é branco, mas questionado sobre como se identifica, pensou um pouco e disse “não sei, normal”. Notamos aqui o estado de confusão do menino sobre sua identidade, fora do contexto confortável do esporte em que afirma ser preto por se identificar, mesmo a partir de um comentário segregador. Quando essa única identificação não está em pauta ele não soube como se afirmar.

Quando Cida conseguiu transformar seu peão em rainha e venceu o jogo muitos disseram “Toma!”, outras palavras de comemoração e aplausos. Ficaram ainda mais contentes quando Cida se demitiu. Na cena em que mostra Cida e tabuleiros de xadrez improvisados alguns estranharam os materiais diferentes usados para as peças. Um dos meninos interveio, e disse “é a mesma coisa de quando a gente faz bola de futebol de papel”. Essa fala demonstrou a percepção do menino para associar situações parecidas mesmo em contextos diferentes.

Por fim, se surpreenderam quando Cida retornou para cuidar de Estela, ao que parece, esperavam uma perspectiva mais vingativa. Constatamos que a consciência

social na turma é mista e variável, mas houve um ponto de uniformidade para todos, não aceitar a opressão, repudiá-la. A carência nesse sentido, é a necessidade de entender que existem várias formas de oprimir.

A partir daqui, compartilhamos o conteúdo das impressões e sentimentos relatados nas folhas que foram distribuídas. Optamos por preservar o conteúdo tal como foi escrito para respeitar a individualidade de cada participante. Reiteramos que os nomes nas falas são pseudônimos escolhidos pelas próprias crianças. Alguns optaram por identificar a própria raça e outros não.

“Eu achei a dona estela uma pessoa racista mas fiquei feliz por ela mudar. Eu acho o racismo um desrespeito com as pessoas porque todas iguais comemos da mesma comida e muito mais” (Mai To Gai, pardo). Verificamos nessa fala a identificação do racismo, o contentamento com a mudança de postura da personagem Estela, e a afirmação que o racismo é uma conduta desrespeitosa sob a justificativa de que nós somos todos iguais, com a utilização de um exemplo. Mai To Gai, autodeclarado pardo, expressou a verificação do erro, mas também que acredita na possibilidade de mudança e que enxerga a sociedade em uma perspectiva de igualdade.

“Eu não gostei muito da atitude da dona istela ela foi rudi com a dona Cida. Mas gostei da atitude da dona Cida” (Ana, branca). A menina foi sucinta em deixar claro que desaprovou as atitudes de Estela, mas gostou da decisão de Cida. Ana não esclareceu qual das atitudes de Cida estava se referindo, mas notamos que enxergou o tema principal do filme.

“Sinceramente eu não gostei da atitude da velha. Ela é racista. E, eu não gosto de racismo!” (Bilie Eilish, branca). Mais uma criança que escolheu evidenciar sua desaprovação com o preconceito racial. Durante o período final do filme essa menina comentou que preferia que Cida não retornasse a conviver com Estela, mostrando talvez uma aversão ao perdão ou a possibilidade de mudança.

“O que eu acho sobre racismo, eu acho muito desnecessário e que isso não vale, apenas que a cor não muda ninguém” (Robin). Esse jovem afirmou que a cor da pele não muda nada nas pessoas e por isso o preconceito racial não deve existir.

Eu vi discriminação de cor, racismo, arrependimento. Eu ouvi que a Sida não poderia ser uma pessoa importante. Senti tristeza, felicidade, raiva. Eu entendi que não devemos discriminar cor. Aprendi a respeitar uma pessoa pela cor. Me identifiquei com a Sida (Bruno).

A fala de Bruno foi mais detalhada sobre suas percepções, sinalizando outros temas tratados pelo filme e uma gama de sentimentos diferentes. Percebeu a abordagem sobre a ausência de poder de pessoas como Cida e afirma que o filme lhe ensinou a não discriminar a cor da pele.

“Ouvi que a mulher era racista com a outra pessoa por conta da cor só que depois ela entendeu que a cor da gente não define o nosso caráter e somos todos iguais” (Mili). Mais uma citação sobre igualdade entre as pessoas independente da diferença. Mili demonstrou também a percepção da mudança de ideais de Estela.

“O que viu? Sobre racismo/ O que viu? Eu ouvi sobre racismo/ Quais emoções sentiu? Uma branca fazendo amizade com a pessoa preta/ O que entendeu? Eu aprendi sobre o racismo com a pessoa preta” (Neymar). O menino que ficou confuso quando questionado sobre como se identifica e disse “não sei, acho que normal”. Em suas falas ele pontuou Estela como branca, Cida como pessoa preta e que o racismo assistido era com a pessoa preta, mas não definiu suas emoções ou alguma identificação.

“Eu vi que a senhora era racista com a Cida a empregada. Eu ouvi que várias crianças brincavam com arma de brinquedo depois que a empregada chega tudo mudou” (Maya). Aqui, a menina, além de pontuar a discriminação, comentou a mudança positiva que Cida provocou em sua realidade ensinando xadrez.

“Eu entendi que racismo não é legal e que todos nós somos iguais que não importa a nossa cor e nem aparência e que devemos amar os outros igual queremos ser amados” (Antonela). A jovem também reafirmou o valor da igualdade apesar das diferenças, salientando a necessidade de consciência, já que quem deseja ser bem tratado não deve maltratar os outros.

“Não gostei da mulher branca porque ela tava matratando a mulher negra pela cor e aparência” (Kisame). Essa criança classificou o racismo como maus-tratos e identificou que ele ocorria pois Estela não gostava do fato de Cida ser negra.

Houve um dos meninos que não sabia o que escrever e acabou compartilhando suas impressões de forma oral. A seguir, falas de Itachi, que acha que é pardo, mas não tem certeza: “Rapaz, eu não sei não, acho que pardo” disse, olhando para o próprio braço. Sobre gostar do filme, disse: “Achei mais ou menos, fiquei irritado”. Sobre o racismo afirmou: “Nunca passei por uma coisa assim, se acontecesse comigo eu largava a mão”. Ele também afirmou que gostaria que tivessem mais filmes com pessoas negras, “porque tem com pessoas brancas”. Percebemos pela própria

afirmação do rapaz que ele, assim como vários de seus colegas não consegue se afirmar como negro. Além disso, salientamos seu desejo de existirem mais filmes com pessoas negras.

Dess (2022, p. 28) sobre a ânsia por representação:

Essas são questões que fazem parte de um mundo que aspiramos, mas que ainda não conseguimos compreender ou imaginar. É algo que nos guia, nos direciona, sem que saibamos exatamente como iremos chegar lá. É algo para o qual agimos, sem ter certeza de estarmos usando os procedimentos ou estratégias mais adequadas.

O autor declara assim, que essa a questão da identificação urge dentro de cada um. Não é apenas uma demanda pela possibilidade de oferecer identificação porque existem pessoas para serem representadas. É pela necessidade que essas pessoas, crianças, sentem se de enxergar em vários contextos e pela percepção de não conseguirem fazê-lo.

Constatamos ainda, a expressiva quantidade de crianças lidas como negras que não sabiam como se autodeclarar ou se identificaram como pardas. Ocorreu com Neymar, Mai To Gai, Kisami e Itachi. Ao estudar os efeitos do fenômeno da globalização, Hall (2006, p. 47) explica “no mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural” O autor considera o argumento que “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas no interior da representação” (2006, p. 48). Nesse sentido, podemos entender o ocorrido das crianças citadas como uma consequência de uma cultura nacional excludente para o sujeito negro, de modo que seja difícil se autodeclarar sem uma representação forte de pessoas como você dentro da cultura dominante difundida.

Essas crianças não brancas moram em um país com mais da metade da população autodeclarada parda, 45,3%, de acordo com o Censo (2022) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). E, a porcentagem de pessoas pretas é de 10,2% (IBGE, 2022).

O que significa que, há um fator forte de miscigenação que origina o colorismo e a existência de pessoas de diferentes tons de pele, denominados como pardos no contexto da mistura negro/branco. No entanto, há também, como percebido na observação da turma, uma quantidade expressiva de pessoas negras de pele escura

que se declaram como pardas, e nesse sentido, podemos enxergar o ideal de branqueamento e a ausência de contato com ações afirmativas.

Nessa perspectiva que a situação nos intrigou, muitas crianças se declararam pardas, mas não pareceram compreender o que significa, pelo fato de que duas das crianças com o tom de pele mais escuro (retintas) afirmaram com veemência que são pretas, mas todas as outras, facilmente lidas como pretas/negras ficaram em dúvida, declarando-se pardas ou sem chegar a uma conclusão, confusas. Se há ali um ideal de branqueamento, nem mesmo as crianças compreendem. Apenas não há identificações e embasamento profundos o suficiente para que possuam alguma segurança em se perceber.

Gomes (2003, p. 178) assegura:

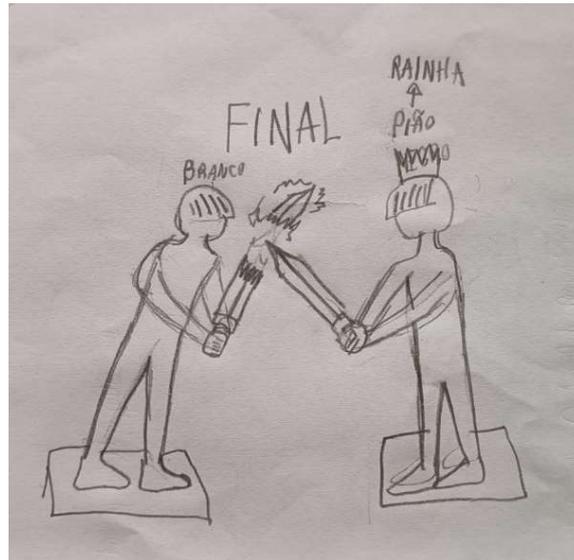
Mas, como já foi dito anteriormente, o processo de construção da identidade negra é muito mais complexo, instável e plural. Apesar das marcas negativas deixadas pelas experiências de discriminação, o negro se reconstrói positivamente. É claro que esse processo não se dá no isolamento e varia de pessoa para pessoa. Existem diferentes espaços e agentes que interferem no processo de rejeição/aceitação/ressignificação do ser negro. Pode ser a família, a participação em espaços políticos, a atuação de um professor ou professora, a construção de uma amizade ou de um relacionamento amoroso ou, [...] via estética.

Dessa forma, é possível afirmar que ainda estão em processo de descoberta que pode ser acelerado, ou realizado de forma mais confortável caso os espaços e agentes que fazem parte do seu cotidiano contribuam para isso. E do mesmo modo, o contrário pode ocorrer. Enquanto crescem, perpassam e contatam com a família, escola, crença, cultura e outros sujeitos negros, passarão pelos estágios de rejeição, aceitação e resignificação. Os participantes da pesquisa, ao que parece, estão no início da jornada.

Percebemos ainda a satisfação que as crianças demonstraram com a vitória de Cida, a vitória sobre o opressor. Elas notaram ainda a mudança que Cida realizou em sua realidade ao ensinar outras crianças a jogar xadrez e abandonar as brincadeiras de armas. A comemoração ao constatar que Cida poderia sim ser uma pessoa importante na sociedade e ter poder para decidir os rumos da própria vida.

Abaixo, os desenhos que duas crianças optaram por produzir sobre a experiência de assistir ao filme e o que sentiram:

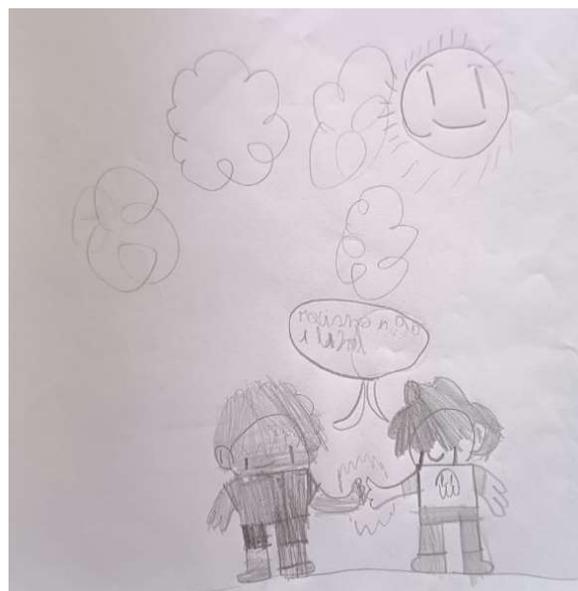
Figura 13: Desenho do filme.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

No desenho acima notamos que o rapaz (não se identificou) escolheu demonstrar a vitória de Cida no exato momento em que consegue se transformar de peão em rainha e derrotar Estela. O rapaz afirmou que foi seu momento preferido no filme, pois ela venceu o racismo. Já Luiz, no desenho abaixo retratou uma criança branca e uma criança negra de mãos dadas, dizendo juntas que o racismo é errado.

Figura 14: Desenho do Luiz.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

E em algumas falas percebemos o discurso de “igualdade”, em que as crianças defenderam que o racismo é errado pois “somos todos iguais”, pelo fato de que “comemos a mesma comida”. Esse elemento pode ser interpretado como positivo, levando em consideração a noção de direitos e ética, mas também pode ser problematizado, pois ainda se percebe a ausência da diferença como perspectiva positiva.

Hall (2006, p. 59) explica que “a maioria das nações consiste de culturas separadas que só foram unificadas por um longo processo de conquista violenta – isto é, pela supressão forçada da diferença cultural”. Assim sendo, o Brasil é um “híbrido cultural” em que as diferenças que o enriquecem foram suprimidas, por isso, as pessoas marcadas por essas diferenças, como negros e negras, não se reconhecem, não se identificam e continuam sendo suprimidas pela ausência de si nos cenários e pela própria supressão que ocorre de forma estrutural e aberta.

Ele continua:

As identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres do jogo de poder, de diferença e não estão livres do jogo de poder e de diferenças ter em mente a forma pela qual as culturas nacionais contribuem para “costurar” as diferenças numa única identidade (Hall, 2006, p. 65).

Isto é, costurar suas diferenças e ignorar sua riqueza, possibilidades e assim perpetuar um discurso de falsa “igualdade” sem jamais enxergar de fato as possibilidades do outro, mesmo se você for o outro, já que sua identidade está costurada. Assim, podendo se prender ao invés de buscar para se construir.

Em vias de conclusão, verificamos que a consciência racial pode até estar respeitavelmente mais alta, mas parece continuar sendo um despertar para pessoas adolescentes e jovens adultos. Já compreendemos que a construção de identidade é um percurso contínuo, e para as pessoas negras mais árduo ainda. No entanto, o fato de ser assim não quer dizer que deva continuar. Trazemos novamente Neuza Santos Souza, que ressalta “assim, ser negro não é uma condição dada, *a priori*. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro” (1983, p. 77). Tornar-se, como diz a autora, pois esse processo é um tipo de transformação, uma aceitação contínua de si mesmo, é uma leitura que com o tempo, você aceita apropriar-se, expor e então, ser.

Para construir uma identidade negra, crianças, jovens, adultos e idosos dentro da esfera da negritude precisam se enxergar. Precisam se visualizar no meio e

compreender que não são vítimas, mas construtoras e condutoras culturais, com voz e espaço. Precisam participar de debates mais ricos sobre a cultura afro-brasileira de origem africana, conhecer a história e os frutos dessa ancestralidade. Todas as crianças necessitam enxergar a perspectiva da diferença de forma positiva. Uma perspectiva que pode ser evidenciada pela escola, em seu comprometimento com a cultura, ressaltando a existência, a presença e relevância dessas pessoas, gerando autoestima. Essa percepção é um processo que visa conseguir afirmar e reafirmar a negritude nessa realidade cada vez mais cedo.

5 CONSIDERAÇÕES

Neste trabalho, argumentamos sobre a necessidade de compreender como as identidades negras estão sendo construídas considerando o contexto histórico, social, cultural e por isso político desse país.

Ressaltamos então as palavras processo e descoberta na questão identitária negra, já que é para muitos uma construção complexa, tendo em vista que a identidade se dá com a identificação e no contato com o diferente. No entanto, a realidade que a negritude enfrenta é de pouca representação e contato negativo com as diferenças. Assim, salientamos a demanda por mudança em todas as esferas sociais, pois como discutido, quando a representação da negritude é positiva, a construção identitária se faz em contexto de autoafirmação e orgulho, principalmente envolve a negritude desde a infância.

É importante realizar essa representação levando em consideração que mesmo uma coletividade possui inúmeras diferenças entre si. A coletividade negra inclui por exemplo, mulheres, homens, negros de diversas tonalidades, LGBTQIA+, pessoas atípicas, entre outros, e por isso devemos enxergar e aceitar a diversidade negra, não há apenas uma forma de ser negro.

Dessa forma, apresentaremos nossas aprendizagens conforme os objetivos. O primeiro objetivo era “Averiguar como construí minha identidade negra no processo de formação”, em que eu, a partir de uma jornada de escrita autobiográfica me escrevi e descrevi em vivências e pontuando minha assimilação da negritude conforme de formava e formo. Assim, afirmo que pude perceber pontos chave para esse fenômeno como a figura da minha mãe enquanto mulher negra confiante e afirmativa; a escola como difusora da luta negra pela liberdade; docentes pontuais que ascenderam a percepção da realidade; a representação na literatura e desenhos que acompanhei e a jornada acadêmica que apresentou um solo profundo de diversidade e discussão social, além do próprio exercício da escrita de si mesma, cheia de descobertas e integrações.

Nosso segundo objetivo foi “Compreender como ocorre o processo de formação da identidade negra”, em que nos debruçamos pela definição de identidade e pelo processo de descoberta da negritude. Nesse sentido, compreendemos que a identidade negra é uma construção que se desenvolve nas percepções da

identificação e diferença, mas se torna mais longa e complexa porque a realidade é segregadora, tonando as diferenças negativas e a representação rara. Assim, percebemos a necessidade de representar mais e conscientizar pessoas negras e brancas acerca da influência dos povos negros na sociedade.

Com o terceiro objetivo, “Identificar a função da escola na construção da identidade negra”, concluímos que a escola precisa reafirmar seu comprometimento com a história e cultura afro-brasileiras, no sentido de criar espaços representativos, gerar autoestima, dignificar jornadas. Por isso, é uma função da escola, como missão ética o reconhecimento da negritude como diversidade a ser reconhecida e celebrada, na busca de promover o pertencer e oportunizar a construção de identidades negras afirmativas, como indivíduos e coletivos, bem como o respeito e a consciência dos sujeitos brancos para com essa diversidade.

Prosseguindo, nosso objetivo final era “Analisar como ocorre a construção da identidade negra com crianças do 5º ano em uma Escola Municipal de Imperatriz – Maranhão”, que realizamos utilizando a pesquisa de campo e o referencial teórico utilizado na fundamentação. Aprendemos com essa análise, que no *lôcus* escolhido as crianças negras (não retintas) de 5º ano não possuem segurança para se autoafirmar como negras, solicitam mais representação, reconhecem o preconceito racial em sua forma mais básica, no entanto não compreendem ou conhecem a extensão da cultura negra e afro-brasileira.

Nesse sentido, as instituições de ensino devem orientar professoras e professores a levarem essa representação para a sala também com autores atuais, culturas negras construídas no presente. Mostrar onde estão essas vozes negras que criam e compartilham para que possa haver identificação e conhecimento sobre a existência dessa diversidade. Utilizar recursos visuais, literatura, música, conduzir ao encontro com as frentes em que a negritude já está ativa. Para isso, além de incentivo direto, é necessário que haja a promoção de mais formações voltadas para o tema, assim tornando a prática mais fundamentada e consciente perante a própria necessidade e os benefícios imediatos e a longo prazo para as crianças.

Enfim, se faz necessário fazer valer a possibilidade de crianças negras construírem sua identidade em uma realidade representativa e não opressora, pois apesar das conquistas do movimento negro, ainda criamos crianças e jovens negros quem enfrentam complexas jornadas para se descobrirem.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. *Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica*. História da Educação, ASPHE/FaF/UFPel, Pelotas, n. 14. p. 79-95. set 2003.
- BARBOSA, M. C. S. *et. al.* Estudos da infância, estudos da criança: quais campos? Quais teorias? Quais questões? Quais métodos? *Inter-Ação*, Goiânia, v. 41, n. 1, p. 103-122, jan./abr. 2016.
- BARROSO, João. *Cultura, cultura Escolar, cultura de escola*. Unesp, São Paulo, v.1, n. 26, 2013, p. 1-19. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/65262>. Acesso em: 09 nov. 2022.
- BRASIL. Lei nº 10.639, 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003.
- DESS, Conrado. Notas sobre o conceito de representatividade. *Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 1 n 43, abr. 2022.
- BRASIL. Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.
- EGGERT, Edla; SILVA, Márcia Alves da. *Observações Sobre Pesquisa Autobiográfica na Perspectiva da Educação Popular nos Estudos de Gênero*. Editora Unijuí. Ano 26, nº 35, p. 51-68, jan./ju.2011.
- FERREIRA, H. M.; RIBEIRO, E. A.; RAGI, T. R. *A representatividade de gênero e raça: uma breve análise por intermédio de recurso audiovisual*. Cadernos de Gênero e Tecnologia, Curitiba, v. 14, n. 44, 2021, p. 17-35. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: 06 nov. 2022.
- FERNANDES, V. B.; Souza, M. C. C. C. de. Identidade Negra entre Exclusão e Liberdade. *Revista do instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 63, abr. 2016 (103-120)
- FLICK, Uwe. *Uma introdução a pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2004, p. 20-30.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMES, Nilma Lino. Educação, Identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003

GOMES, Nilma Lino. Alguns Termos e Conceitos Presentes no Debate Sobre Relações raciais no Brasil: uma Breve Discussão. In: *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº. 10.639/03 / SECAD*: Brasília: 2005. p. 39-61. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/alguns-terminos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-relacoes-raciais-no-brasil-uma-breve-discussao/>. Acesso em: 04 abril. 2024.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11 ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. *Cultura e Representação*. Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio: Apicuri, 2016.

PINHONI, M.; CROQUER, Gabriel. Censo 2022: Pela 1ª vez, Brasil se declara mais pardo que branco; populações preta e indígena também crescem. G1, 22 dez.2023. Disponível em: < <https://g1.globo.com/economia/censo/noticia/2023/12/22/censo-2022-cor-ou-raca.ghtml> > Acesso em: 13 maio.2024.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e Pedagogos: inquietações e buscas*. Educar, Curitiba, n.17, p. 153-176. 2001.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2003.

MUNANGA, Kabengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. Entrevista. [abr. 2004]. *Estudos Avançados*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a05v1850.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2024.

MUNANGA, Kabengele. Identidade, Cidadania e Democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. Resgate: *Revista Interdisciplinar de Cultura*, Campinas, SP, v. 5, n. 1, 1996, p.17-24. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645505>. Acesso em: 14 abr. 2024.

NOBRE, Francisco Edileudo; SULZART, Silvano. O papel social da escola. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 03, Ed. 08, Vol. 03, 2018, p. 103-115.

OLIVEIRA, Aurenéa Maria de; SILVA, Graziella Moura da *Discurso Docente e Comunidade Escolar*. lei 10.639/2003 e religiões afro-brasileiras Interações, vol. 17, núm. 1, 2022. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313070837006>. Acesso em: 11/04/2024.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; KOLB-BERNARDES, Rosvita. Modos de falar de si: a dimensão estética nas narrativas autobiográficas. *Pro-Posições*, v. 26, n.1 (76), p. 161-178, jan./abr.2015.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividade Narrativa e Poder Auto(trans)formador. *Práxis Educacional*. Vitória da Conquista, v.17, n.44, p.1-21, jan./mar. 2021.

SANTOS, M.; SANTOS, S. Metodologia da pesquisa em educação. *Apostila*. Licenciatura em Pedagogia. São Luís: UemaNet, 2010.

SAVELI, Esméria de Lourdes. *Narrativas autobiográficas de professores: um caminho para a compreensão do processo de formação*. *Práxis Educativa*. Ponta Grossa, PR, v. 1, n. 1, p. 94-105, jan.-jun 2006.

SEVERINO, Antônio J. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, Claudilene M; SANTIAGO, Maria E. Itinerário da prática pedagógica de valorização da população negra no espaço escolar. *Revista Brasileira de Educação*, v.24, e240003, 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SIMÕES, P. M. U. *et. al.* Infâncias e estudos culturais: um diálogo sobre identidades e culturas. *Pró-Posições*: Campinas, SP. v.32, e20190068, 2021.

SOUTA, Marivete. “Quando me dei conta de que era negra(o)/ branca(o)”: um estudo a partir de relatos autobiográficos de estudantes adolescentes. 2017. 236 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017. Disponível em: [dissertacao_marivete_souta.pdf](#) ([diaadia.pr.gov.br](#)). Acesso em: 13 nov. 2022.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título do Projeto: A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE(S) NEGRA(S) COM CRIANÇAS DO 5º ANO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE IMPERATRIZ - MARANHÃO

Pesquisadora responsável: Andressa Valéria Santos

Convite: Você está sendo convidado/a a participar da pesquisa intitulada “**A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE(S) NEGRA(S) COM CRIANÇAS DO 5º ANO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE IMPERATRIZ - MARANHÃO**”, sob a responsabilidade da pesquisadora Andressa Valéria Santos, aluna de graduação do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) - Centro de Ciências de Imperatriz (CCIM), sob a orientação da Professora Doutora Herli de Sousa Carvalho.

Justificativa: O tema da pesquisa foi escolhido com base em reflexões da pesquisadora sobre a importância de compreender a construção identitária das crianças negras brasileiras em um país preconceituoso e pouco representativo. Esse tema é relevante ao percebermos que a construção identitária é um desenvolvimento constante, sempre permeado pelo contexto social do indivíduo, pelas suas experiências e identificações. Dessa forma, é importante se atentar para esse processo desde a infância e torná-lo cada vez mais acessível para crianças negras.

Objetivos: A pesquisa visa compreender como ocorre a construção de identidade negra e identificar as ações promovidas pela escola para promover essa construção.

Metodologia: A pesquisa será realizada através de uma dinâmica em duas partes. Primeiro, de forma breve, a pesquisadora irá apresentar imagens de diversas pessoas de raças e etnias diferentes. Serão realizadas perguntas como: “Com quem mais se identificaram?”, “Que tipo de pessoa mais costumam ver nos locais que frequentam/ coisas que assistem?”, “Quem gostaria de conhecer?”, entre outras. Após esse momento, a segunda parte será a apresentação do filme curta-metragem brasileiro “O

Xadrez das cores” de 2004, com 22 minutos. Ele fala sobre as relações entre racismo e dignidade através da convivência entre uma senhora idosa racista e uma empregada doméstica negra. Utiliza também a analogia do jogo de tabuleiro xadrez, suas cores e regras. Após a apresentação do filme, a pesquisadora irá realizar mais algumas perguntas, como: “O que você entendeu do filme?”, “Com quem você mais se identificou?”, “Você já viveu (ou viu) algo parecido com essa situação?”, entre outras. A pesquisa será realizada na própria sala da turma e a pesquisadora distribuirá uma folha para cada estudante, onde poderão responder às perguntas. Haverá gravação de áudio e este será posteriormente transcrito para o formato de texto.

Participantes da pesquisa: Alunos de 5º ano da Escola Municipal de Imperatriz/ MA; professor(a); gestão e coordenação escolar.

Riscos e Benefícios: É possível que os participantes sintam algum desconforto com o racismo representando no filme, mas não há violência gráfica ou conteúdo impróprio. A condução da pesquisa será leve e respeitosa, buscando a realização de um diálogo positivo. Citando benefícios, é possível que os participantes se sintam confortáveis em falar sobre o tema e trabalhem suas habilidades de expressão, oral e escrita. É benéfico trabalhar o tema identidade de forma pedagógica, pois abre um espaço de segurança e identificação positiva.

Sigilo e Privacidade: A pesquisadora assegura que o sigilo e a privacidade dos dados – nome, voz, imagem e qualquer outra informação que possa vir a identificar o participante – será garantido durante todas as fases da pesquisa.

Despesas e Ressarcimento: O participante não terá qualquer tipo de custo ou vantagem financeira.

Participação voluntária e direito de desistência: A participação do pesquisado é voluntária e que este é livre para decidir sobre sua participação, podendo recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa.

Acesso ao pesquisador em caso de dúvidas: Em qualquer etapa da pesquisa, o/a pesquisado/a terá acesso a pesquisadora responsável pela investigação para esclarecimento de dúvidas. Dados de contato: números (99 9 9113-0999) e e-mail (andressa.vs@discente.ufma.br).

Menção às Resoluções 466/12 e 510/16 do CNS: A pesquisa atende todas as especificações da Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012, que aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, e da Resolução 510, de 07 de abril de 2016, que dispõe sobre normas aplicáveis à pesquisa em Ciências Humanas e Sociais.

Consentimento:

Eu, _____, de maneira voluntária, livre e esclarecida, concordo em participar da pesquisa acima identificada. Estou ciente dos objetivos do estudo, dos procedimentos metodológicos, das garantias de sigilo e confidencialidade, dos riscos e suas formas de contorno, da possibilidade de esclarecimentos permanentes sobre eles. Fui informado/a de que se trata de uma pesquisa vinculada ao Programa de Monografia da UFMA - CCIM. Está claro que minha participação é isenta de despesas e que minha imagem, meu nome e voz não serão publicados sem minha prévia autorização por escrito. Este Termo foi impresso em duas vias, das quais uma me foi concedida e ficará em minha posse e a outra será arquivada pela pesquisadora responsável. A pesquisadora deve garantir que o participante da pesquisa receberá uma via digital ou impressa do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinada e rubricada pela pesquisadora.

Imperatriz - Maranhão, _____/_____/_____

Assinatura do Participante

Assinatura da Pesquisadora